

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

TAMIRES RODRIGUES DE MORAES

**“SOU MULHER, ME OUÇA RUGIR”:**

Uma análise das representações da mulher negra em Grey’s Anatomy

Porto Alegre

2020

TAMIRES RODRIGUES DE MORAES

**“Sou mulher, me ouça rugir”:**

Uma análise das representações da mulher negra em Grey’s Anatomy

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2020

“Quando dizemos coisas como ‘as pessoas não mudam’, deixamos os cientistas loucos, porque a mudança é literalmente a única constante da ciência. Energia. Matéria. Estão sempre mudando, transformando-se, fundindo-se, crescendo, morrendo. O modo como as pessoas tentam não mudar que não é natural. Como queremos que as coisas voltem, em vez de as aceitarmos. Como nos prendemos a velhas memórias, em vez de criarmos novas. O modo como insistimos em acreditar, apesar de todas as provas contrárias, de que algo nessa vida é permanente. A mudança é constante. Como experimentamos a mudança é que depende de nós.”

– Grey’s Anatomy

TAMIRES RODRIGUES DE MORAES

**“Sou mulher, me ouça rugir”:**

Uma análise das representações da mulher negra em Grey’s Anatomy

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Hastenpflug Wottrich Cougo – UFRGS  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Porcellis Aristimunha – UFRGS  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mãe por estar do meu lado desde o início da minha vida e, também, em todos esses 4 anos de graduação, por me acompanhar e incentivar a seguir toda a minha trajetória, por estar sempre me auxiliando e fazendo o possível para eu concluir esse ciclo, além de sempre estar disposta a ouvir sobre meus trabalhos e apoiar as minhas escolhas.

Aos professores da FABICO, por todos os ensinamentos e trocas de experiências que tive durante a graduação, que me fizeram ser uma profissional mais crítica e evoluída. Em especial, a minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Sandra de Deus, por me auxiliar nesta pesquisa e pela sua dedicação como professora para aprimorar ainda mais meus conhecimentos como aluna e orientanda.

Aos amigos que fiz na faculdade durante a graduação, em especial a Karolaine, por estar ao meu lado desde o início, sempre sendo minha companheira de trabalhos da faculdade e fora dela, por sempre termos essa troca de afinidade e construirmos pautas que eram necessárias a serem debatidas dentro e fora da sala de aula.

Às pessoas que conheci nos meus estágios que, sem dúvidas, ajudaram a me desenvolver profissionalmente e querer sempre o melhor no que faço. Aos amigos que fiz antes e durante esse período, em especial à Kaliana e à Gabrielli, que foram minhas colegas de cursinho pré-vestibular e hoje fazem parte da minha vida, mesmo estando em outras graduações, e à Melissa, que tive a sorte de ter como amiga e poder contar com ela em todos os momentos mais complicados deste período.

Agradecimento especial à Fernanda, que me auxiliou na correção deste trabalho e por poder ter tido a sorte de ter ela como amiga desde o período do CLJ. Uma das amigas que sei que posso contar por mais que estejamos morando em cidades diferentes. Sem dúvidas, evoluímos muito durante todos esses anos e ela acompanhou meu crescimento pessoal desde antes de entrar na faculdade. Partilhamos grandes momentos juntas e foi uma das pessoas que introduziu Grey's Anatomy na minha vida.

Agradeço aos demais familiares e amigos que, de certa forma, estiveram ao meu lado durante todo esse período e que contribuíram de alguma maneira para o meu crescimento pessoal e profissional.

## RESUMO

Com base no atual desenvolvimento da sociedade, em que temas sociais envolvendo gênero e raça são debatidos, este estudo dedica-se a analisar como a mulher negra é representada no seriado *Grey's Anatomy*. Para esta pesquisa, será utilizada a personagem Miranda Bailey, que faz parte do núcleo central do seriado e está presente desde o primeiro episódio. Para ter êxito nesta questão, a fundamentação teórica se aprofundará na história da TV norte-americana e no seu desenvolvimento até os dias atuais, a fim de entendermos como foi o progresso entretenimento nos canais americanos até a chegada dos streamings, que conquistaram espaço no nosso cotidiano, trazendo uma nova forma de consumir produtos audiovisuais. O pioneirismo da plataforma Netflix e os seus avanços serão trazidos pelo fato de seu catálogo possuir grandes sucessos e ser o streaming mais assinado entre os brasileiros. Como caráter teórico, traremos um breve contexto do significado de série e seriado, explicando o porquê dos dois serem diferentes de uma telenovela. Em um segundo momento, teóricos negros como Stuart Hall e Bell Hooks vão ser evidenciados para falar sobre como as pessoas de cor são representadas na mídia, como se desenvolve o conceito de gênero e raça. Haverá, ainda, uma breve recapitulação do período escravocrata nos Estados Unidos para expor que as questões de preconceito racial que estamos discutindo hoje estão presentes desde aquele período. Para essa pesquisa de estudo de caso se efetivar, será necessário filtrar entre as 15 temporadas do seriado *Grey's Anatomy*, os episódios mais importantes na trajetória da personagem Bailey e, assim, contestar que, por mais que haja quebra dos estereótipos, a personagem ainda precisou lidar com históricos racistas que lhe moldaram na sua trajetória.

**Palavras-chave:** Seriadados, *Grey's Anatomy*, Representatividade negra

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: Elenco das primeiras temporadas .....	9
FIGURA 2: Cristina, George, Meredith e Izzie em frente a Miranda Bailey ouvindo suas 5 regras .....	42
FIGURA 3: Meredith (à esquerda), socorrista com a mão dentro do paciente (ao meio) e Cristina na ponta .....	49
FIGURA 4: Bailey em trabalho de parto e George a auxiliando enquanto a Dra. Shepherd realiza o procedimento .....	50
FIGURA 5: Bailey tentando examinar o paramédico que se recusa a olhar para ela.....	52
FIGURA 6: O'Malley ao fundo, Bailey olhando o paciente deitado e Yang a sua frente.....	54
FIGURA 7: Cena do personagem O'Malley conversando com o paciente .....	56
FIGURA 8: Bailey olhando para sua residente enquanto é humilhada por ter cancelado sua cirurgia .....	61
FIGURA 9: Bailey e Ben dançando no casamento.....	64
FIGURA 10: Bailey e Meredith uma de frente para outra.....	66
FIGURA 11: Bailey e Ben conversando com Tuck .....	69
FIGURA 12: Bailey e Ben no hospital .....	74

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 TV NORTE-AMERICANA.....</b>	<b>12</b>
2.1 EXISTE DIFERENÇA ENTRE SÉRIES E SERIADOS? .....	14
2.2 NETFLIX E A NOVA FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO.....	17
2.3 A ERA GREY’S ANATOMY .....	19
<b>3 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DAS MULHERES NEGRAS.....</b>	<b>24</b>
3.1 RECAPITULANDO O PERÍODO DA ESCRAVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS... ..	26
3.2 BREVE CONTEXTO SOBRE A LUTA DA MULHER AFRO-AMERICANA .....	30
3.3 GÊNERO E RAÇA .....	34
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>38</b>
4.1 GREY’S ANATOMY .....	41
4.2 SOBRE O ATO DE PESQUISAR.....	45
<b>5 A MULHER NEGRA EM CENA.....</b>	<b>48</b>
5.1 MIRANDA BAILEY.....	48
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>80</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Os seriados televisivos são um fenômeno na sociedade atual e um dos principais fatores que explica isso é a entrada da plataforma de *streaming* Netflix no território brasileiro. Segundo pesquisa feita pela própria plataforma, apenas no Brasil, 77% dos usuários do serviço de *streaming* aproveitam para baixar e assistir séries e filmes fora de casa, o que significa que cerca de quatro milhões de pessoas estão utilizando smartphones para essa finalidade. O estudo também mostra que, no ranking dos itens “essenciais” para viagens em transporte público, 67% dos entrevistados dão maior prioridade a filmes e séries do que à água e comida.

Os seriados tiveram uma crescente procura do público, se comparados aos outros produtos audiovisuais. Para suprir essa demanda, no ano de 2015, foram produzidas, apenas nos Estados Unidos, 409 séries. Segundo a plataforma de *streaming* Netflix, no ano de 2016, foram produzidas mais de 600 horas de conteúdo original de seriados, o dobro de dois anos atrás, e foi feito um investimento na compra de séries de cinco bilhões de dólares (17,6 bilhões de reais).

Mesmo assim, nos Estados Unidos em 2017, 80% dos seriados e filmes americanos ainda não tinham sequer um personagem negro com falas em suas produções. Nos últimos 20 anos, o *The Center for the Study of Women in Television and Film* (O Centro de Estudo da Mulher na Televisão e Filmes), da San Diego State University, realiza uma pesquisa. Nela, através do projeto *Boxed In*<sup>1</sup>, nos anos de 2018-2019, é mostrado que, em relação à raça e etnia nas produções em plataformas, 70% das personagens femininas eram brancas e só 17% eram negras.

A renomada roteirista Shonda Rhimes, com suas produções, faz parte dos 20% destes dados, visto que em seus roteiros, ela traz atores negros em cargos superiores, mas também traz situações do cotidiano e assuntos sociais como: discriminação de raça, igualdade de gênero, crença e orientação sexual, além da valorização da mulher, como uma forma de visibilidade e proximidade com seu público, mas também de debate.

Essas pautas, muitas vezes, podem modular e recriar realidades. Por exemplo, trazer personagens negras em cargos de poder, num primeiro momento, pode causar um estranhamento ao público, mas depois pode gerar uma mudança de opinião. Suas séries, que fazem grande sucesso, são veiculadas pelo canal americano ABC, e Shonda ganhou um bloco chamado de TGIT (*Thank God It's Thursday*, que pode ser traduzido para o português como

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://womenintvfilm.sdsu.edu//2018-19\\_Boxed\\_In\\_Report.pdf](https://womenintvfilm.sdsu.edu//2018-19_Boxed_In_Report.pdf).

“Graças a Deus é Quinta”), como uma alusão ao dia em que as suas séries vão ao ar na emissora. Grey’s Anatomy, o carro chefe do bloco<sup>2</sup>, é um drama médico que se passa dentro do hospital Grey-Sloan Memorial (GSMH), situado na cidade de Seattle, nos Estados Unidos.



FIGURA 1: Elenco das primeiras temporadas. Fonte: Divulgação

Falando de forma breve do seriado, a história é protagonizada pela narradora e personagem Meredith Grey, interpretada pela atriz Ellen Pompeo. Ao longo das temporadas, conhecemos mais sobre Meredith e outros personagens que trabalham com ela. A autora do seriado Shonda, em sua posição de uma mulher negra, em diversos episódios da trama retratou temas de debates sociais como relacionamento, sexualidade, carreira, violência, religiosidade, gênero, desigualdade racial e étnica. No Brasil o seriado é chamado também de “A anatomia de Grey”. A produção audiovisual atualmente está na sua décima sexta temporada (2020). Na série, além da protagonista, são mostradas as histórias de outros personagens que fazem parte do núcleo de Meredith, como seus superiores e, com o passar do tempo, também os seus subordinados.

Uma das diferenças do seriado Grey’s Anatomy para outras produções que possuem o mesmo plano de fundo é a representatividade negra, que é o interesse deste estudo. Na trama, personagens negros possuem cargos de chefia dentro do hospital — um lugar que na vida real a maioria da mão de obra profissional é branca. Segundo a autora, seu objetivo é a igualdade de gênero e raça em suas produções, principalmente na escolha de seu elenco.

<sup>2</sup> Estreou no dia 27 de março de 2005 e está disponível também nos streamings, como a plataforma Netflix.

No drama médico produzido por Shonda, há personagens negras que se destacam no núcleo principal da trama, como a Dra. Miranda Bailey (cirurgiã geral), Maggie Pierce (cirurgiã cardiotorácica), Stephanie Edwards (residente) e Catherine Avery (urologista). Bailey é negra, de baixa estatura e fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Na primeira temporada ela é residente de Meredith, Cristina, Alex, George e Izzie, que acabaram de entrar no hospital.

Nas primeiras temporadas Bailey foi apelidada de “nazi” (nazista) pelos seus colegas de profissão. O apelido faz referência ao seu posicionamento rígido e pouco sensível, sempre dando ordens até para seus superiores. Porém, após um episódio em que Bailey teve que fazer uma cirurgia em um rapaz que tinha a suástica tatuada, a médica pediu para parar de ser chamada de nazista. Durante as temporadas, a residente cresce como personagem virando chefe dos residentes e, posteriormente, chefe da cirurgia geral.

O recorte da pesquisa se dará na personagem Bailey, pelo fato de ter uma trama mais aprofundada, estando presente desde o primeiro episódio, e por estar enquadrada em uma das características do estudo, que é analisar o cotidiano da personagem negra em seu ambiente profissional e pessoal, abordando sua vida desde de antes de entrar no hospital Grey-Sloan Memorial.

Ao analisar trabalhos feitos sobre representatividade de raça por outros estudiosos, percebe-se que há sempre uma pergunta em comum: como as pessoas negras, principalmente as mulheres, são representadas nas produções audiovisuais? Questiona-se, ainda, se é possível fugir do estereótipo e dos arquétipos que são mostrados ao longo dos anos nas tramas ficcionais internacionais. Qual a importância da representação de raça em um seriado de TV? E essas pessoas negras se veem representadas?

Com todos os questionamentos feitos, se chegou ao seguinte problema a ser estudado: como a mulher negra é representada no seriado Grey's Anatomy? Para encontrar as respostas, será feita uma análise do desenvolvimento da personagem Miranda Bailey na trama. Mesmo havendo outras personagens que se encaixam no estudo, para trazer o melhor detalhamento e aprofundamento, Bailey é a personagem negra que mais se desenvolveu e assumiu importância na trama central. Além disso, essa pesquisa tem como objetivos específicos: mapear os episódios do seriado Grey's Anatomy que abordam a trajetória de Bailey, investigar como o seriado aborda questões de racismo e machismo, envolvendo a personagem que será pesquisada, e examinar se há uma fuga de estereótipos na trama.

Este estudo também se justifica porque, para além dos fatores já apontados, é uma trama envolvente, é minha série favorita e, durante a graduação, meus trabalhos sempre envolveram questões de desigualdade racial e problemáticas sociais, pois são causas que me afetam, e

acredito que, para sermos profissionais qualificados, devemos conhecer o outro e ajudá-lo a partir do nosso trabalho. O jornalismo tem a capacidade de dar voz a pessoas anônimas e pode até mudar realidades. Essa série me faz pensar muito sobre realidades distintas da minha e me mostrou que mulheres pretas podem ser o que quiserem. Então, juntar minha série favorita com a graduação que estou finalizando é algo gratificante para mim.

Para fazer esse trabalho, pesquisei outros TCCs na FABICO. Nos últimos anos foram apresentados trabalhos como: “O poder das mulheres na representação midiática: Percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes” (2017), em que o estudo qualitativo analisa a relação dos fãs com as personagens principais e coadjuvantes de *Grey’s Anatomy*, *Scandal* e *How To Get Away with Murder* e “Da curvatura 1A a 4C: a representação do cabelo da negra mulher através do olhar sobre as personagens Olivia Pope e Annalise Keating” (2018), que analisou a relação das personagens com seu cabelo natural, além de pesquisas fora da Universidade que falam sobre representação negra, sobre outros seriados de Shonda, sobre a própria autora e artigos científicos sobre *Grey’s Anatomy*.

A revisão bibliográfica é uma parte importante para o estudo de caso, pois é a partir dela que faremos comparações com outros casos semelhantes, buscando uma maior fundamentação teórica, reforçando e aprimorando o argumento de quem descreve o caso, além de aprofundar ainda mais o que já foi encontrado em pesquisas anteriores.

Para o êxito da parte bibliográfica deste estudo, e como parte do estado da arte, foram consultados artigos, teses de dissertação sobre representatividade negra em seriados, livros sobre representações de gênero e raça, sobre o cenário cultural americano e trabalhos de conclusão de curso que utilizaram pelo menos uma das séries da Shonda Rhimes como foco temático, além de trabalhos de conclusão de curso que também citaram esses assuntos. Para buscar na íntegra estes trabalhos e artigos, foi utilizada a plataforma SABE UFRGS, além do Google Acadêmico, porque alguns trabalhos que foram utilizados no estado da arte desta pesquisa são de outras Universidades do Brasil, sempre se atentando às fontes e origens de pesquisa e utilizando um material credível e alinhado ao tema de pesquisa.

Nos primeiros capítulos deste trabalho, será necessário criar uma base sólida e histórica para consolidar a escolha do objeto de pesquisa e relatar os desenvolvimentos dos seriados, suas classificações e narrativas, para melhor entender por qual motivo *Grey’s Anatomy* é um seriado, além de sua estrutura e os seus marcos na televisão americana e nos *streamings*. Depois de definir qual o método mais adequado de pesquisa, que é estudo de caso, será fundamental estruturar um plano de busca bibliográfica, determinando quais dados e conteúdos relevantes devem ser utilizados para a construção deste estudo.

## 2 TV NORTE-AMERICANA

Durante a Guerra Fria, época em que o mundo estava dividido entre Estados Unidos e União Soviética, e o estilo de vida americano marcado por um forte nacionalismo, pela liberdade e busca pela felicidade, a televisão chega para os americanos. Um exemplo de nacionalismo é o personagem dos quadrinhos, Capitão América, criado em 1941. O personagem foi criado pela Marvel Comics como um homem patriótico, que lutava durante a Segunda Guerra Mundial contra Alemanha, Itália e Japão. A indumentária do personagem faz alusão à bandeira do país.

No mesmo ano, foi criada a *Columbia Broadcasting Company* (CBS), uma das primeiras televisões abertas do país, sob propriedade da *United Independent Broadcasters*, empresa que detinha o poder da rádio CBS. Já no ano de 1943, a *The Walt Disney Company* fundou a *American Broadcasting Company* (ABC). Essas duas emissoras, juntamente com a *National Broadcasting Company* (NBC), se tornaram as maiores emissoras dos Estados Unidos até os dias atuais. A criação destes três canais de televisão foi fundamental para o início da Era da TV I.

Todas essas mudanças fizeram a televisão se propagar como um veículo de massa, provocando o abandono por parte dos intelectuais e o surgimento de críticos que, de início, visualizavam um grande potencial de comunicação e, agora, assumiram uma postura severa contra o veículo. (FURQUIM, 1999, p. 132)

Os seriados, ou *sitcom* (*Situation Comedy*), são o marco da Era da TV I, visto que eles eram encarregados de abordar tópicos relacionados à sociedade civil da época. Bebendo de fontes de programas humorísticos de rádio de sucesso nos anos 40 que foram levados para TV, os seriados consistem em um elenco de personagens fixos mostrando suas vidas em diferentes âmbitos e são apresentados ao público de forma fragmentada, podendo ser exibidos com frequência diária, semanal ou até mensal, com dia e horário pré-fixados na grade da emissora.

Nesta época, muitas casas só possuíam um único aparelho de televisão, e as emissoras tinham um único patrocinador. Por essa razão, eram formadas estratégias de programação, observando os horários de maior audiência. Pela questão financeira, também, os cenários das histórias eram simples, com tramas acontecendo em uma sala, cozinha ou escritório, com no máximo quatro personagens.

A roteirista e estudiosa Pallotini (1998, p. 32) conceitua a estrutura dos seriados:

É uma ficção televisiva contada em episódios, que têm unidade relativa suficiente para que possam ser vistos independentemente e, às vezes, sem observação de cronologia de produção. Essa base de unidade se consubstancia em personagens fixos, no tratamento de uma época, de um problema, de um tema (a feminilidade, a desigualdade social, o poder do dinheiro, etc). É esse o objetivo único que, realmente unifica o seriado. Seus episódios serão, portanto, uma consequência desse objetivo básico, dessa cosmovisão, e terão como característica a relativa unidade de cada episódio e a unidade total de todo o seriado, dada por um sentido de convergência.

O chamado “horário nobre” era preenchido por séries televisivas como *Gunsmoke* (CBS, 1955-1975) e *Bonanza* (NBC, 1959-1973), os policiais, com seriados como *The Untouchables* (ABC, 1959-1963) e *Starsky and Hutch* (ABC, 1975-1979), e as *sitcoms* (*situation comedies*, ou comédias de situação), com destaque para *I Love Lucy* (CBS, 1951-1957), *Bewitched* (ABC, 1964-1972) e *I Dream of Jeannie* (NBC, 1965-1970). Os valores familiares da cultura Americana eram as principais narrativas da era I. As narrativas destes seriados não faziam referência aos acontecimentos dos episódios anteriores.

Em 1970 surgiu a Era da TV II, ou Era da TV a Cabo. Neste período, a televisão contribuiu para a naturalização do marketing voltado para nichos sociais. Esse resultado se deu pelo fato de haver uma maior variedade de canais, fazendo uma mudança natural da experiência televisiva. Naquele momento, o telespectador, com seu controle remoto, tinha a autonomia de escolher os canais que mais lhe agradavam e zapear à procura de novidades. Essa multiplicação de canais mudou a dinâmica competitiva da indústria televisiva: foram introduzidas no cenário televisivo norte-americano, nessa época, a rede *broadcast*<sup>3</sup> Fox (1986), os canais de televisão a cabo USA Network (1971) e TNT (1988) e as redes premium a cabo HBO (1972) e Showtime (1976), entre outras.

Segundo Lotz (2007), a vasta oferta de canais mudou a dinâmica competitiva da indústria, bem como o tipo de programação desenvolvida para o meio. A autora afirma que, em vez de criar um entretenimento menos censurável, direcionado para a família inteira, as redes broadcast e os canais a cabo passaram a desenvolver produções que pudessem satisfazer segmentos particulares da audiência, o que permitiu a fragmentação dos espectadores em grupos de interesses. Ao contrário da Era I, as estruturas narrativas tinham uma certa linearidade, o episódio lançado trazia a continuação do anterior, e muitos fatos eram retomados em temporadas mais tarde.

Já a era III da televisão começou a se desenvolver a partir dos anos 90, com a predominância do *brand* marketing, ou *branding*<sup>4</sup>, que foi uma forma das emissoras se

<sup>3</sup> Método de transferência de mensagem para todos os receptores simultaneamente.

<sup>4</sup> Conjunto de estratégias de criação e fortalecimento de uma marca junto aos consumidores do público-alvo, estabelecendo uma presença no mercado.

diferenciarem no mercado, principalmente com produções de seriados originais, como foi o caso da HBO, em 1996. Com seu slogan “*HBO, It’s not TV*”, surge um conceito de que as produções seriadas não são televisuais, como os telejornais e jogos por exemplo. O sentido que a emissora traz nesse slogan é o de elevar a produção seriada ao status de obra, da mesma forma que os filmes.

Além do desenvolvimento da internet neste período, houve também uma alteração nas formas de acesso do conteúdo televisivo. Brett Martin, autor do livro *Homens Difíceis*, defende que o mercado vive a “terceira era de ouro” e que isso foi facilitado pelo surgimento de novas tecnologias que possibilitam que a população assista os programas na hora que quiser. Os conteúdos seriados também tiveram um grande desenvolvimento nessa época, criando uma multiplicidade de linhas narrativas. Para o autor e para Cássio Carlos (2006), a partir dos anos 80, as narrativas se tornaram mais complexas e até mais “viciantes”.

Para aqueles que assistem às séries com frequência, a complexidade é, provavelmente, a qualidade central que os leva a acompanhar cada desdobramento da trama, a se manterem fiéis e até a preferirem ficar em casa vendo TV a ir ao cinema. Para quem começa a prestar atenção (...) causa surpresa a cada semana e faz com que o mero interesse rapidamente se transforme em vício. Para profissionais da narrativa, é a complexidade que demarca o vigor das séries de TV em comparação com outras formas de narrativas populares (CARLOS, 2006, p. 34)

Esses fatores auxiliam as séries e os seriados a terem um maior poder de prender a atenção dos espectadores, mesmo com a possibilidade de haver outros atrativos ao redor. Assim, não só no seu país de origem, as produções americanas dominaram o mercado de seriados, em franca expansão em termos mundiais.

## 2.1 EXISTE DIFERENÇA ENTRE SÉRIES E SERIADOS?

A teoria explica que, apesar de toda produção televisiva ser regida no princípio da serialidade, existe diferença entre séries e seriados. No contexto histórico, a estrutura episódica dos seriados apresentados nos meios de comunicação tem sua origem nos antigos folhetins, que eram publicados em periódicos, como revistas e jornais, e surgiu em meados do século XVIII.

Essa forma de narrativa tinha como objetivo impulsionar as vendas das publicações, uma vez que o baixo custo do jornal proporcionava o hábito de leitura para as populações mais pobres daquela época. Uma das principais características do estilo desse gênero era a elaboração de uma história de forma fragmentada, dividida em inúmeras publicações, principalmente quando se batia recordes de vendas de folhetins, visto que “fazia aumentar a procura por ele,

proporcionando-lhe maior tiragem, e conseqüentemente, barateando os seus custos” (NADAF, 2009, p. 120).

A narrativa era construída em capítulos, que encerravam marcados sempre por algum acontecimento de muita tensão. “Em termos técnicos, o ‘corte’ do capítulo e a ‘sucessividade’ na narrativa firmavam-se desta forma, como os elementos básicos iniciais a serem atendidos para o êxito de um romance-folhetim” (NADAF, 2009, p. 121). Os cortes eram chamados de “ganchos”, que davam o sentido de que a história continuaria no próximo dia, trazendo fidelidade do leitor por meio da sua curiosidade. Esse tipo de literatura atravessou diversos limites geográficos: no Brasil, por exemplo, autores como Machado de Assis e José Alencar publicaram suas obras inicialmente em folhetins e depois tiveram seus escritos lançados de forma compilada como livro.

Depois desse período, veio a popularização do cinema. Dessa forma, a serialidade ganhava contornos de imagem em movimento “em 1913, quando pequenos filmes seriados eram exibidos nos nickelodeons<sup>5</sup> e, posteriormente, na década de 1940, com as fitas em série, produções de Hollywood transmitidas em episódios, exibidas nas matinês de domingo” (PALLOTTINI, 1998, p. 100, apud BARBOSA, 2013). Durante a era de ouro de Hollywood, o gênero mais explorado era ação, com temáticas variadas.

Pelo fato de haver reservas das salas de cinema para reproduzir os seriados, o público que mais procurava esse tipo de conteúdo era o infantil. Esse era um dos fatores que fazia os seriados serem encarados como produto de segunda mão para a indústria, que considerava que a curta duração dos episódios não valia um ingresso. O seu declínio em salas de cinema se deu na década de 50, quando os grandes estúdios pararam de produzir seriados para o cinema e passaram para a televisão, ao notarem o sucesso de programas como “I Love Lucy” e “Doctor Who”.

Os programas de televisão, conforme explicado anteriormente, são apresentados de maneira fragmentada. No contexto geral, o termo “série” possui ao menos dois diferentes subgêneros de ficção televisual, nos quais se propõe a distinguir por suas características estruturais. Essa classificação, além das minisséries, é parecida com as telenovelas no sentido de se concentrar no relato de uma história central que se desenrola na sequência dos capítulos e para o entendimento por parte do telespectador do contexto que está sendo abordado é necessário se familiarizar com o enredo que é exposto nos episódios anteriores. O fechamento da narrativa só ocorre no final do programa e os capítulos, que podem variar de 30 a 40 minutos,

---

<sup>5</sup> Salas de cinema rudimentares, foram o primeiro tipo de local especializado em exibição de filmes curtos, populares entre 1900 a 1915, tendo seu declínio com a população dos longa-metragens.



possuem uma sequência. Sendo assim, para o entendimento do telespectador, de toda a trama ele precisa ver o programa desde o seu início e na ordem proposta pela emissora. As séries de TV não são apenas “um conjunto de episódios autônomos, mas, no entanto, relacionados entre si [por laços de variada ordem, personagens, tempos históricos, áreas temáticas, etc.]” (CEIA, 2012).

As séries americanas possuem um alto domínio na arte de relatar. Segundo Jost (2012, p. 25),

A análise do ritmo dos episódios, das regras dos roteiros utilizadas, dos procedimentos visuais, fornece certamente incontáveis lições para os autores, os produtores e os difusores, mas isso não é por si só suficiente para explicar o sucesso de uma série. Algumas ficções são formatadas com tal perfeição que nos deixam indiferentes, enquanto outras, que se libertam dos cânones, nos cativam.

O sucesso de uma série deve-se menos aos procedimentos que ela utiliza (visuais, retóricos, narrativos, entre outros) do que ao ganho simbólico que ela vai proporcionar ao espectador. Esse ganho, inclusive, não se limita a uma mera soma de códigos.

A diferença da série e de uma telenovela é o seu período total de duração, porque as novelas geralmente duram em torno de 9 meses, são obras fechadas e focam em diferentes núcleos, destinando-se a uma faixa de público maior e podendo ser menos exigentes. Já as séries constroem sua narrativa ao longo dos capítulos, possuindo picos dramáticos e suspensões estratégicas. Ainda assim, atualmente, muitas séries têm um contexto de novela pelo fato de

Mesmo quando o conflito é fechado, não somente os personagens evoluem, mas os atores envelhecem. Submetidas à sucessão de temporadas que acompanhada toda série de sucesso, essas marcas do tempo que passa remetem, como um espelho, à imagem do nosso processo de envelhecimento. (JOST, 2012, p. 31)

Os seriados são ficções televisivas que, no ponto de vista de sua organização narrativa, estruturam-se de uma forma bem diferente das novelas, séries e minisséries: ao invés de capítulos, apresentam-se sob a forma de episódios autônomos, mas articulados entre si. Outra diferença é que os seriados não possuem data definida para acabar, sendo exibidos por temporadas, com mais ou menos a mesma quantidade de episódios — tendo em média 22, com duração de 40 minutos cada — e permanecendo no ar enquanto houver audiência e retorno financeiro à produtora que os realiza. Se isso não acontece, a produtora pode cancelar o seriado sem dar um final à trama. Além disso, cada episódio se constitui na resolução de uma situação independente, apresentada no início do episódio e resolvida em seu interior.

Um exemplo disso é o seriado *Grey's Anatomy*, em que cada episódio mostra a problemática de algum paciente e, ao longo da narrativa, isso se funde à trama do núcleo central. Geralmente os mesmos pacientes não aparecem nos próximos episódios, pois seus diagnósticos são resolvidos no próprio episódio.

Esse tipo de ficção televisiva pode ser assistida isoladamente e em ordem aleatória, mantendo o seu sentido, porque a compreensão é facilitada pela manutenção do perfil psicológico dos personagens e pelo desenvolvimento de um tema nuclear. Cada personagem apresenta características bem expressivas desde o primeiro episódio, para que o telespectador tenha empatia com o seriado e acompanhe o seu desenrolar, já que o que importa nesse tipo de narrativa são as situações vividas pelas personagens que são apresentadas em cada episódio. A humanização dos protagonistas permite uma melhor identificação do telespectador e um engajamento maior da audiência em relação à trama (JOST, 2011).

*Grey's Anatomy* é um exemplo de seriado centrado na vida profissional dos personagens. A vida privada acaba sendo um mero cenário ou, até mesmo, um entrave, mas o personagem principal está direcionado à resolução dos problemas referentes ao seu trabalho. Além de *Grey's*, outras séries médicas e policiais se encaixam nesse enquadramento, até mesmo aquelas em que sua trama se desenrola em escritórios de advocacia, por exemplo.

A cada nova temporada podem surgir novos personagens na trama, além de alguns deixarem a história. Essa rotatividade serve como uma manutenção dos focos temáticos para mobilizar o telespectador e preservar os personagens principais. Além disso, pode haver participações especiais em alguns episódios, geralmente de atores famosos. Estes programas televisivos, que alcançam grande sucesso, podem ter, além de mais temporadas, seriados similares, os chamados *spin-offs*, que são derivados daqueles que tiveram maior audiência. *Grey's Anatomy*, por ter alcançado, este feito teve dois *spin-offs*, *Private Practice* e *Station 19*.

## 2.2 NETFLIX E A NOVA FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO

Em paralelo à Era III, ocorreu o surgimento da Netflix, no ano de 1997, com a proposta de ser uma distribuidora de DVDs. Funcionando como alternativa às tradicionais locadoras e disponibilizando em seu site um acervo de pouco menos de mil títulos, fazia a entrega dos DVDs alugados ou comprados via correio, colocando-se em primeiro lugar quando comparada às outras locadoras dos EUA. O empreendimento foi criado por Wilmot Reed Hastings (cofundador e CEO da empresa) e Marc Randolph (co criador e o primeiro CEO da empresa):

Hastings (ainda o CEO da empresa) teve a ideia do Netflix pela primeira vez depois de ir à Blockbuster e descobrir que sua família estava há mais de seis semanas para devolver o filme *Apollo 13*. A fita atrasada lhe custou US\$40 em taxas. Mais tarde, a caminho da academia, ele teve seu “momento eureka” quando percebeu que a academia tinha um modelo de negócios muito melhor “você podia pagar US\$ 30 ou US\$ 40 por mês exercitar-se por pouco ou tanto quanto você quisesse”. Ele argumentou que tinha de haver uma forma semelhante de “ganhar dinheiro alugando filmes sem trapacear com base nos atrasos dos clientes”. (BOTSMAN e ROGER, 2011, p. 85)

Já consolidada, no ano de 1999, a empresa disponibilizou o serviço de assinatura, em que o usuário tinha acesso ao acervo ilimitado de DVDs por uma mensalidade fixa. No ano de 2005, o número de assinantes da plataforma chegava a 4,2 milhões e seu catálogo contava com dezenas de títulos. Mas foi em 2007 que a empresa começou a se transformar e oferecer filmes e conteúdos televisivos *on demand* via *streaming*<sup>6</sup>.

O acesso ao conteúdo era possível somente via computador, mas por causa das parcerias que a empresa foi consolidando, nos anos seguintes tornou-se possível acessar os conteúdos com outros aparelhos, como videogames. Porém, foi só no ano de 2010, quando a empresa dispensou os DVDs, que os assinantes da *Netflix* puderam usufruir dos seus serviços via smartphones e tablets.

Agora, podemos assistir a uma série inteira em maratonas de duas ou três horas, em verdadeiras orgias de consumo, sessões corridas das quais é até possível tentar se safar, mas então entram no ar os créditos de abertura de outro episódio com seu hipnótico efeito pavloviano, algo que o faz voltar e se preparar para uma hora inteira (MARTIN, 2014, p. 32-33)

A plataforma chegou ao Brasil em 2011 e, até hoje, é a mais assinada pelo público. Segundo dados disponibilizados pelo *streaming*, no ano de 2019, a Netflix ultrapassou a marca de 10 milhões de contas aqui no país e mais de 167 milhões de assinaturas pagas nos 190 países em que a plataforma está disponível. Durante o período de quarentena forçada<sup>7</sup>, que visou diminuir o impacto da disseminação do Corona vírus, o *streaming* ganhou o dobro de assinantes, 15,7 milhões de assinaturas pagas; destas, 2,9 milhões vieram da América Latina. A empresa, até o dia 20 de março de 2020, contava com 2.844 filmes<sup>8</sup> e 1.520 séries, entre produções originais *Netflix* e de outros estúdios, no seu catálogo.

<sup>6</sup> Streaming é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/netflix-ganha-quase-16-milhoes-de-novos-assinantes.shtml>.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://filmes-netflix.blogspot.com/2020/03/atualizacao-de-20032020.html>.

### 2.3 A ERA GREY'S ANATOMY

Segundo reportagem da revista Galileu que traz a lista de 10 séries mais assistidas no ano de 2017 na plataforma Netflix, publicada em junho do mesmo ano e realizada pela empresa 7park Data, o seriado Grey's Anatomy se consolida em primeiro lugar. O site HuffPost<sup>9</sup> aborda que o seriado é o primeiro a ser maratonado – o ato de assistir vários episódios de um seriado em sequência — pelos novos assinantes da plataforma.

Grey's Anatomy é uma produção norte-americana, que estreou em 27 de março de 2005, criada pela roteirista e produtora Shonda Rhimes, produzida pela Sony, transmitida pelo Canal ABC e disponível nos *streamings*, como a Netflix. Shonda Rhimes é criadora e produtora de outras séries que também possuem elevados índices de audiência, como *Scandal* (primeiro drama da emissora protagonizado por uma afro-americana em 37 anos de programação), *How To Get Away With Murder*, *Private Practice* e *Station 19*.

Grey's é o primeiro seriado de Shonda e, no ano de 2019, alcançou a marca de mais de 300 episódios, sem anúncios de temporada final. Essa produção é considerada um seriado por conter personagens fixos, mas o seu maior foco é na personagem principal, Meredith Grey. Segundo Vallenzi (2003, p. 25), o sucesso de uma série televisiva depende, quase totalmente, de seu primeiro episódio, pois ele apresenta os personagens principais e deve servir como um anúncio do seriado. Em seu primeiro episódio, no ano de 2005, Grey's atingiu mais de 16 milhões de telespectadores nos Estados Unidos, e a sua *season finale*<sup>10</sup> conseguiu um sucesso de audiência de 22 milhões de telespectadores assistindo.

O analista de mídia da Magna Global USA, Steve Sternberg, citado na entrevista do The New York Times, explica os motivos do sucesso instantâneo:

Aproximadamente 80% das famílias mantém apenas um aparelho de TV ligado durante o horário nobre. As pessoas procuram programas que podem assistir com outros membros da família. E, assim como “Desperate Housewives”, em que atingem uma ampla audiência – em públicos mais jovens, mais velhos, entre homens e mulheres – Grey's Anatomy faz o mesmo.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/as-10-serie>.

<sup>10</sup> O último episódio da temporada de uma série

Foi o programa de maior audiência entre pessoas de 18 a 49 anos de idade, em 13 anos, desde *The Young Indiana Jones Chronicles* e rendeu o melhor desempenho de série da ABC no horário em mais de quatro anos<sup>11</sup>.

O drama de Rhimes, depois de um ano da sua estreia, já começou a ser indicado a premiações e ganhar prêmios<sup>12</sup>. Nos anos de 2006, a atriz Sandra Oh (que interpretava a personagem Cristina Yang) ganhou o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante em série de TV e, em 2007, *Grey's* ganhou como Melhor Série no Globo de Ouro.

A emissora, ao ver o sucesso de Shonda em apenas um ano, lhe deu o direito de produzir um episódio que seria passado depois do Super Bowl XL 2006<sup>13</sup>. O episódio chamado de “*As We Know It*”<sup>14</sup> — traduzido como “conforme sabemos” — é um dos episódios mais tensos da série, em que os médicos removeram cirurgicamente uma bomba do torso de um homem. Meredith Grey é encarregada de entregar o artefato ao membro do esquadrão antibombas, Dylan Young (Kyle Chandler), e ele explode antes mesmo dos agentes saírem da emergência. A ABC teve uma audiência de 37,9 milhões de telespectadores neste episódio.

A série é um drama médico que se passa dentro do hospital Grey-Sloan Memorial (GSMH), situado na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. A proposta de Shonda foi trazer para a televisão o que era visto no mundo real (negros, mulheres, asiáticos, latinos). O nome do hospital nas primeiras temporadas era Seattle Grace Hospital, mas, depois de nove temporadas, seu nome mudou para Grey-Sloan Memorial, em homenagem ao incidente com um avião em que os personagens Mark Sloan — médico cirurgião plástico — e Lexie Grey, residente em medicina e irmã de Meredith Grey, morrem. O seriado é protagonizado pela narradora e personagem Meredith Grey, interpretada pela atriz Ellen Pompeo. A utilização da voz *over* nos finais de episódios traz o conceito de contar algo, uma reflexão:

Diferentemente das vozes *over* dos filmes *noir*<sup>15</sup>, por exemplo, essa voz não vem para completar as informações sobre os acontecimentos não vistos ou inter-relacionar ações; essas vozes exprimem sentimentos, emoções ou verdades gerais. Ao contrário das vozes dos filmes policiais, que são geralmente masculinas e cuja função, essencialmente narrativa, é ordenar o relato, as vozes das séries frequentemente

<sup>11</sup> RHODES, Joe. Traving Ratings for New Patient on ABC. 14, abril, 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/04/14/arts/television/thriving-ratings-for-a-new-patient-on-abc.html>. Acesso em: 09/04/2020

<sup>12</sup> <https://www.greysanatomy.com.br/premios-recebidos-indicacoes/>

<sup>13</sup> <http://teleseries.com.br/super-bowl-arrebenta-em-audiencia-e-levanta-criminal-minds/comment-page-1/> Acesso em: 09/04/2020

<sup>14</sup> <https://mixdeseries.com.br/greys-anatomy-shonda-rhimes-relembra-o-episodio-da-bomba-feito-para-o-super-bowl/> Acesso em: 09/04/2020

<sup>15</sup> uma expressão francesa designada a um subgênero de filme policial, derivado do romance de suspense, influenciada pelo expressionismo alemão, o qual teve o seu ápice nos Estados Unidos entre os anos 1939 e 1950.

femininas são tímidas no sentido de que elas informam sobre o personagem do ponto de vista de seu humor, de sua afetividade. (JOST, 2012, p. 50)

Como já dito anteriormente, ao longo das temporadas, Shonda, abordou em seus episódios temas relevantes e atuais.

Na trama Meredith Grey sempre conviveu no ambiente hospitalar, principalmente no hospital Seattle Grace, pois sua mãe Ellis era cirurgiã geral renomada do hospital. Ainda criança, a menina assistiu ao vivo sua primeira cirurgia e esse foi um dos motivos dela ganhar a boneca *Anatomy Jane* de presente de seus pais. A boneca continha 24 partes/órgãos que podiam ser extraídos e partes extras para simular uma gravidez. Essa paixão de Grey pela medicina fez com que ela entrasse no curso e conseguisse ingressar no programa de ensino do Seattle Grace.

No seu primeiro dia como interna do hospital, Meredith conhece Cristina, Izzie, George e Alex, todos eles são subordinados de Miranda Bailey, chamada de “nazista” pelas pessoas do hospital. No ambiente de trabalho, Meredith se depara com o médico neurocirurgião Derek Shepherd. Os dois se conheceram na noite anterior à do seu primeiro dia de trabalho e tiveram um pequeno envolvimento. Jost (2012) usa o exemplo da primeira cena do seriado, em que Meredith acorda ao lado de um homem desconhecido que, ao longo do capítulo, será seu chefe para exemplificar o conceito das cenas de amor físico que se intercalam com cenas da vida profissional dos personagens.

A trama vai mostrar, ao longo das temporadas, o desenvolvimento do casal Grey e Shepherd, com muitas idas e vindas, além de apresentar os fracassados relacionamentos dos outros quatro amigos de Meredith.

A seleção do *casting*<sup>16</sup> de elenco para Grey’s Anatomy se baseou na desenvoltura dos candidatos, ou seja, os personagens não foram escritos com características fenotípicas, com exceção de Bailey, única personagem que tinha a exigência de ter estatura baixa. Além disso, os candidatos não necessariamente ganhavam o papel pelo qual se candidataram (caso da Sandra Oh, que fez teste para ser a Bailey, mas Shonda viu que ela era ideal para ser Cristina Yang).

Logo de início da série, são apresentados ao público os personagens Miranda Bailey, Richard Webber e Preston Burke, três médicos negros que possuem cargos superiores ao de Meredith, a primeira sendo sua residente, o segundo, chefe do setor cirúrgico — exercendo

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-66A-5cSQfc>

assim um cargo de administrador do hospital — e Burke, como chefe do setor de cirurgia cardiovascular.

Miranda Bailey, além de ser negra, tem baixa estatura e está fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Ela era a única mulher no seu internato, mas por ser muito inteligente e melhor que os outros colegas, conquistou sua primeira cirurgia solo.

Durante a trama a personagem sempre se impõe e expressa suas opiniões de forma autoritária, fazendo jus ao apelido “nazi”. No decorrer das temporadas, Miranda cresce como personagem virando chefe dos residentes e depois chefe da cirurgia geral.

Muitos personagens entraram e saíram da série nestas dezesseis temporadas, mas Bailey é uma das personagens que permanece na trama desde o seu início. Durante o percurso do seriado, Meredith se aproxima de Miranda e vira quase a sua aprendiz, pelo fato de Miranda se especializar em cirurgia geral e Meredith acabar seguindo os passos de sua mãe, Ellis Grey. A mãe de Grey morre de Alzheimer nas primeiras temporadas da série e a personagem precisa lidar com o luto e, depois, escolher a trajetória da sua carreira profissional, e por ser filha de uma médica premiada, desde o início sempre sentiu o peso de carregar o sobrenome da mãe.

Além de personagens afro-americanos, Grey's conta com um elenco bastante variado (asiáticos, latinos, transsexuais...), trazendo pautas como sexualidade e temas que eram considerados tabus na televisão, de forma clara e marcante em seus episódios. Shonda quis que pessoas negras levassem vidas tridimensionais, tendo histórias de amor e não ocupando apenas o espaço de coadjuvantes engraçadas, clichês ou criminosas. Essa decisão é bastante perceptível na personagem de Bailey, que durante toda a série é vista como uma personagem forte e tem seus relacionamentos amorosos e familiares e seus dilemas profissionais acompanhados pelo público.

No seriado, muitas das mulheres do elenco podem se considerar heroínas de uma certa forma, visto que se impõem para salvar a vida dos pacientes mesmo que suas ideias sejam menosprezadas. A forma de pensar seu público na questão de identidade e a questão da escolha de elenco trazem para o centro da trama pautas importantes da sociedade, tendo como reflexo o fato de fazer uma televisão menos utópica, em que as pessoas se enxerguem e busquem evoluir como os personagens.

Como Bell Hooks explica, é preciso que se conheça seu público para saber quem ouve. É necessário estar em diálogo com sua audiência, porque as palavras são ouvidas de forma diferente pelos diferentes grupos sociais. Conhecer quem está ouvindo dá indicação de como as vozes são ouvidas. Ao ouvir as respostas, se começa a compreender que as palavras servem para resistir, transformar e mudar.

Shonda, de uma certa forma, ouviu a demanda do seu público que, assim como ela, não se via na mídia. A normalização da televisão, no sentido de se ver nos personagens e ver seu núcleo social sem estereótipos, é a busca dessa identidade televisiva, uma identidade mais feminina.

Particularmente com os programas de televisão que tem criadoras e escritoras mulheres, esse novo meio permite que elas tenham muito mais liberdade criativa do que incorporar e mostrar na tela. Porque criadoras e artistas não tinham mais a obrigatoriedade de responder aos executivos dos canais, o streaming como uma avenida legítima para criação de conteúdo fornece um “espaço mais seguro” para criadoras para que elas possam regular seu conteúdo e talvez quebrar mais os limites do que é aceitável para discutir ou retratar na televisão, especialmente no que diz respeito a mulheres e questões feministas. (MONTECILLO, 2016, p. 13)

Mesmo muitas produções trazendo a pauta feminista, ainda é muito comum nas produções midiáticas vermos um elenco predominantemente branco — falando sobre esse e outros assuntos —, de nível social superior ao da maioria do público que está consumindo, sem nenhuma semelhança. As pessoas não querem mais ver apenas a utopia do que podem ter um dia se ficarem ricas, mas querem ver produções que passem a mensagem de que tudo é possível se você não desistir.



### 3 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DAS MULHERES NEGRAS

As representações são um fruto da exposição, que pode ou não ser supervalorizada, gerando consequências nos padrões e crenças dos grupos sociais. O conceito de representação é explicado pelo autor João Freire Filho (2005) como

Na concepção moderna e liberal do processo democrático como uma associação à delegação de poderes, por meio dos votos, a um conjunto proporcional reduzido de indivíduos, na expectativa de que os eleitos articulem e defendam pontos de vista e interesses dos eleitores. De forma análoga, o termo designa, também o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “fazer sobre” categorias ou grupos sociais. (FILHO, 2005)

Neste caso, para o autor, representar significa dar às vozes que são marginalizadas pelo sistema a produção um novo olhar sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade. As minorias são representadas pelas mulheres, negros, indígenas e homossexuais. Lélia Gonzalez, antropóloga negra, em seus estudos sobre racismo e sexismo na sociedade brasileira, traz um olhar sobre representações, que também pode ser verificado em produções americanas. A autora aborda que a mulher negra tem seu corpo sexualizado, além do vínculo com papéis de doméstica e dona de casa.

Também destaca que personagens negros normalmente estão em papéis secundários, como sendo membros da família, mas numa posição de subserviência. João Freire Filho (2005) também traz, em seu texto, que essas abordagens funcionam como uma forma de aceitação e dominação social. Assim, pessoas consideradas minorias acabam aceitando a opressão. Para Hall (1996), o racismo, apesar de ser global em suas manifestações, deve ser visto de acordo com as especificações históricas de cada lugar. Um exemplo disso é a mulher negra, no Brasil e nos EUA, já que, pelo seu contexto histórico, as pessoas negras nesses dois locais sofrem diferentes tipos de racismo.

Hall (2016) também analisa que, ao longo dos anos, houve muitas reviravoltas em relação às maneiras como a experiência negra foi representada no cinema popular dos Estados Unidos. O repertório de figuras estereotipadas extraídas dos “tempos da escravidão”, entretanto, nunca desapareceu por completo. O autor cita o diretor Oscar Micheaux, que produziu um cinema “segregado”, ou seja, filmes de negros exclusivamente para o público negro, porque na década de 1930, os atores negros apareceram em filmes populares principalmente nos papéis subordinados de “bobos da corte”, simplórios, servos fiéis e empregados.

Fernanda Furquim (1999) relata que, nos anos 50, o fato das televisões norte-americanas levarem os programas de rádio para sua programação gerou um certo conforto entre a população negra. A sitcom *Amos 'n' Andy* (1950-1953), por exemplo, contava o cotidiano de uma família negra de classe média baixa. Stuart Hall (1996), em seus estudos na Inglaterra, notou também a falta de representação do negro na mídia:

A natureza da estereotipia racial, para a imagem negativa de raça e etnicidade na mídia, para a ausência de relatos sobre a experiência negra como parte central da história inglesa, para a repetição na mídia de uma forma simplificada e truncada de representar a história, a vida e a cultura negra. (HALL, p. 6, tradução PUC-SP)

Essa concepção de Hall ainda pode ser utilizada atualmente, pois, no Brasil e em outros países, ainda é pouco visto a população negra na mídia como protagonista e trazendo sua cultura. O negro ainda é associado aos núcleos mais baixos e sem protagonismo. As questões de opressão e dominação são situações que a comunidade preta enfrenta desde a escravidão, como base de manutenção do patriarcado supremacista branco. Essas situações se tornam naturalizadas em imagens na mídia de massa, representações de raça e negritude em diversos aspectos.

Bell Hooks analisa que, antes mesmo da supremacia branca chegar nos Estados Unidos, eles construíram imagens da negritude e de pessoas negras, que sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar. Stuart Hall também acredita que controlar as imagens é o sistema central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial, além de enfatizar que podemos entender bem o caráter traumático de experiência colonial ao reconhecer a existência de conexão entre dominação e representação:

As maneiras pelas quais os negros, as experiências negras, foram posicionados e sujeitados nos regimes dominantes de representação surgiram como efeitos de um exercício crítico de poder cultural e normalização. Não só, no sentido “orientalista” de Said, fomos construídos por esses regimes, nas categorias de conhecimento do Ocidente, como diferentes e outros. Eles tinham o poder de fazer com que nos víssemos, e experimentássemos a nós mesmos como “outros”. Todo regime de representação é um regime de poder formado, como lembrou Foucault, pelo binômio fatal “conhecer/poder”. Mas esse tipo de conhecimento não é externo, é interno. Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse “conhecimento”, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força de compulsão íntima e a conformação subjetiva à norma. (HALL, 1996 apud HOOKS, 2014, p. 34)

No campo da representação, permanece um lugar de luta quando se examina criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras. Bell Hooks

também analisa que o desafio crítico para as pessoas negras é expandir a discussão sobre raça e representação, porque, para a autora, o que é considerado um bom conjunto de imagens são representações estereotipadas criadas por pessoas brancas, mas ela salienta, ainda, que pessoas negras também fazem criações similares e estereotipadas, tudo é uma questão de ponto de vista.

A autora cita o ensaio *Black Feminism: The politics of articulation*, de Pratibha Parmar, que fala a questão que as imagens desempenham um papel crucial na definição e no controle do poder político e social a quem tem acesso, para afirmar que as imagens são essenciais para a formação de pensamento das outras pessoas e como nós mesmos nos enxergamos. O bombardeio de conteúdos audiovisuais que representam os corpos pretos como descartáveis é uma narrativa que acaba sendo absorvida pelo telespectador:

A cultura popular oferece exemplos incontáveis de mulheres negras se apropriando de e explorando “estereótipos negativos” para garantir o controle sobre a representação ou, no mínimo, colher seus lucros. Uma vez que a sexualidade da mulher tem sido representada pela iconografia machista e racista como mais livre e liberada, muitas cantoras negras, independentemente da qualidade das suas vozes, cultivaram uma imagem que sugere disponibilidade sexual e licenciosidade. Indesejável no sentido convencional, que define a beleza e a sexualidade como atraentes apenas enquanto idealizadas e inatingíveis, o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quanto é sexualmente desviante. (HOOKS, 2019, p. 136)

Do mesmo modo que a autora cita as cantoras americanas, os personagens destas atrizes também se enquadram neste aspecto, em que a sexualidade acaba sendo sempre muito visibilizada. As representações vêm do resultado de uma construção social de um determinado país e cultura, mesmo que haja culturas diferentes, as representações de minorias se cruzam num estereótipo que transpassa séculos.

### 3.1 RECAPITULANDO O PERÍODO DA ESCRAVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Para falarmos sobre as questões raciais em torno do seriado *Grey's Anatomy*, a falta de representatividade na mídia e sobre como as pessoas negras são vistas em relação à sociedade, é preciso entender que o preconceito sobre raça esteve presente desde o período escravocrata e que estereótipos e arquétipos visualizados nos dias atuais têm sua origem na escravidão. Muitas produções audiovisuais que falam de escravidão sempre abordam o tema de forma superficial, muitos escravos que lutaram contra o sistema tiveram seu nome apagado da história. Suas origens e histórias acabam se resumindo a um trabalho servil para seus donos e isso se perpetua

até hoje. Muitas vezes, vemos personagens negros, em diversos gêneros de seriados e filmes, resumidos a uma figura sem nenhuma história ou conflito por trás.

Desde o período escravocrata, em comparação às mulheres brancas, as negras sempre trabalharam fora de casa. No início, de forma escrava, com seus aspectos de existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação do seu papel como trabalhadoras. As negras eram vistas, não menos que os homens, como unidades de trabalho lucrativas. Para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero, já que esse sistema via o povo negro como propriedade. Assim, os homens, mulheres e crianças negras eram igualmente “provedores” para a classe proprietária de mão de obra escrava.

Segundo Stamp (1956, p. 343), a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para o seu proprietário e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa. Muitas dessas mulheres trabalhavam nos afazeres domésticos; as outras, junto com os negros, trabalhavam nas lavouras. Angela Davis (1971) escreveu em seu artigo “*The Black Woman’s Role in the Community of Slaves*” a importância das funções domésticas da escrava:

No infinito anseio de prover as necessidades de homens e crianças ao seu redor [...], ela realizava o *único* trabalho da comunidade escrava que não podia ser direta ou imediatamente reivindicado pelo opressor. Não havia compensações pelo trabalho na lavoura, que de nada servia aos propósitos dos escravos. O trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade como um todo. [...] Foi justamente por meio dessa labuta—que há muito tem sido expressão central do caráter socialmente condicionado da inferioridade feminina —que a mulher negra escravizada conseguiu preparar o alicerce de certo grau de autonomia, tanto para ela como para os homens. Mesmo submetida a um tipo único de opressão por ser mulher, era levada a ocupar um lugar central na comunidade escrava. Ela era, assim, essencial à *sobrevivência* da comunidade. (DAVIS, 2016, p. 29)

A divisão sexual do trabalho doméstico não era hierárquica porque as tarefas dos homens não eram nem superiores nem inferiores às das mulheres, ambos eram igualmente necessários. As crianças do sexo masculino, ao atingir uma certa idade, já eram enviadas para o trabalho no campo. Já as meninas eram designadas a trabalhar no solo, coletando algodão, cortando cana e colhendo tabaco. Angela Davis, em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, traz a entrevista de uma senhora, nos anos 30, que conta sua vivência durante a infância em uma fazenda de algodão:

Nossas cabanas eram velhas e mal-acabadas, feitas de estacas. Algumas fendas eram tapadas com lama e musgo, outras não. Nossas camas não eram boas, só amarrações de estacas pregadas na parede como velhos colchões rasgados jogados por cima. Claro que era difícil dormir, mas para os nossos ossos cansados depois das longas jornadas

de trabalho na lavoura, a sensação era boa. Eu cuidava das crianças quando era pequena e tentava fazer limpeza da casa como a senhora mandava. E então, assim que fiz dez anos, o senhor disse: “Leve essa preta para aquela plantação de algodão”.<sup>17</sup>

Esse relato mostra que a maioria das meninas, assim como homens e meninos, trabalhavam pesado nas lavouras do amanhecer ao entardecer, tendo que ser igualmente produtivas porque os castigos de chibatadas ecoavam a todos, sem restrições, mas infelizmente, essas mulheres, além dessa violência, tinham a ameaça sexual que as assombrava. Escravas sofriam abusos sexuais e outros maus-tratos que só podiam ser designados especificamente a elas. Os seus senhores as exploravam quando lhes era lucrativo como se fossem homens — em meio ao trabalho do campo —, como se não tivessem gênero, mas quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

Quando os primeiros indícios da abolição começaram a surgir, com a expansão da jovem e crescente indústria do algodão, a classe proprietária de escravos foi forçada a contar com a reprodução natural para repor e ampliar a população de escravos domésticos. Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as negras que tinham a capacidade produtiva de ter dez, doze ou mais filhos eram vistas como um tesouro. No entanto, mesmo gerando uma quantidade enorme de filhos, essas mulheres não podiam desfrutar de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras, visto que, para os seus senhores, essas mulheres não eram mães, eram “reprodutoras”, ou seja, apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava, e suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe.

Segundo Stamp (1956, p. 57), a maioria dos proprietários de escravos utilizava um sistema de cálculo de rendimento de trabalho que tinha base nas taxas médias de produtividade exigidas. As mulheres eram uma força de trabalho completa, a menos que tivessem sido expressamente designadas para as funções de reprodução ou sendo “amas de leite”. Nesses casos, a sua força de trabalho era considerada como incompleta. Entretanto, essas mulheres não possuíam isenção do trabalho no campo, eram forçadas a deixar seus filhos deitados no chão perto da área que trabalhavam. Aquelas que se recusavam a deixá-los sozinhos tentavam trabalhar normalmente com eles presos às costas. Já as grávidas não apenas eram obrigadas a realizar o trabalho agrícola, como poderiam ser chicoteadas se deixassem de cumprir a sua cota diária.

---

<sup>17</sup> Mel Warkins e Jay David (orgs.), *To be a Black Woman: Portraits in Fact and Fiction* (Nova York, William Morrow & Co., 1970), p. 16. Citação retirada da obra de Benjamin A. Borkin (org.), *Lay my Burden Down: A folk History of Slavery* (Chicago, University of Chicago Press, 1945).

Antes da Guerra Civil, começaram as primeiras tentativas de industrialização no Sul do país e, com isso, o trabalho escravo completava o trabalho livre:

Mulheres e crianças constituíam grande parte da força de trabalho na maioria das fábricas de tecido, cânhamo e tabaco que utilizavam mão de obra escrava. [...] Às vezes mulheres e crianças trabalhavam em setores mais “pesados”, como a refinação de açúcar e a moagem de arroz. [...] Outras indústrias pesadas, como as de transporte e de madeira, empregavam mão de obra escrava de mulheres e crianças em número considerável. (STAROBIN, 1970, p. 165)

As mulheres não eram consideradas femininas demais para o trabalho nas minas de carvão e nas fundições de ferro nem para o corte de lenha. De acordo com Starobin (1970, p.165), quando o canal Santee foi construído, localizado na Carolina do Norte, 50% da força de trabalho correspondia às mulheres escravas. Além de Santee, os diques de Louisiana e muitas linhas férreas no Sul foram construídas, em parte, pelo trabalho das escravas.

Entre 1642 a 1864, comunidades formadas por escravos fugitivos e seus descendentes estavam em todas as partes do Norte e do Sul dos Estados Unidos. No ano de 1816, uma dessas comunidades, localizada num forte da Flórida, com 300 habitantes, foi descoberta. Todos os moradores — homens, mulheres, crianças — eram escravos fugitivos, e o exército teve que intervir porque os negros não se renderam, as mulheres lutaram de igual a igual, iniciando assim uma batalha de 10 dias e tirando a vida de mais de 250 membros da comunidade. Em muitos desses confrontos, a resistência envolvia ações mais sutis, como aprender a ler e escrever de forma clandestina, e esses aprendizados eram repassados para os demais habitantes das comunidades.

Harriet Tubman foi uma das mulheres que teve um papel significativo na resistência à escravidão. Nascida no condado de Dorchester, localizado no pequeno estado de Maryland, na costa leste, em 1820, teve uma típica vida de escrava, trabalhando na lavoura. Então, percebeu, por meio de seu trabalho, que seu potencial como mulher era o mesmo de qualquer homem naquele local. Com seu pai, ela aprendeu a caminhar na mata sem fazer barulho, a cortar árvores, abrir trilhas, localizar ervas que serviram de alimento e remédio (tudo isso a auxiliou depois a ter êxito em suas fugas). Entre 1850 e 1860, Tubman conduziu mais de trezentos escravos das fazendas do sul dos Estados Unidos pelas rotas chamadas *Underground Railroad*<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Eram um conjunto de rotas secretas e pontos de parada clandestinos que escravas e escravos usavam para conseguir chegar ao Canadá e ao México, contando também com a ajuda de abolicionistas. As rotas não eram subterrâneas, os pontos de parada eram “estações” e as pessoas indicavam os caminhos ou acompanhavam de uma estação a outra.

Harriet Tubman não é reconhecida apenas pelo seu papel na causa abolicionista. Ela também, até hoje, tem o mérito de ser a única mulher nos Estados Unidos a liderar tropas em uma batalha durante a Guerra Civil. A ativista se alistou nos Exércitos da União e exerceu diversas funções, como cozinheira, enfermeira e até espiã, contribuindo também para a liberação de mais escravos.

Em 1º de janeiro de 1863, entrou em vigor o Ato de Emancipação, assinado pelo então presidente do país, Abraham Lincoln. Assim, muitos negros foram recrutados para o exército da região norte do país. A proclamação, entretanto, não significou uma abolição institucionalizada da escravatura, visto que cerca de 4 milhões de negros tiveram que esperar até dezembro de 1865, quando finalmente o congresso proibiu oficialmente a escravidão nos Estados Unidos através da 13ª Emenda Constitucional<sup>19</sup>.

### 3.2 BREVE CONTEXTO SOBRE A LUTA DA MULHER AFRO-AMERICANA

Mulheres negras sempre buscaram seu direito de liberdade. Isabella Baumfree, conhecida como Sojourner Truth, era uma abolicionista e ativista dos direitos das mulheres. Em 29 de março de 1851, proferiu seu discurso na Convenção pelos Direitos das Mulheres, em Akron, Ohio, nos Estados Unidos. Esta fala foi uma das fontes mais importantes da primeira onda do feminismo negro:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Euarei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso, querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?

Esse ato foi um protesto pelo direito ao voto também, trazendo uma forte crítica à condição feminina, determinada pela raça e classe social. De todas as mulheres que se faziam

---

<sup>19</sup> Sobre a 13ª emenda: [https://pt.wikipedia.org/A9cima\\_Terceira\\_Emenda\\_Constitu\\_dos\\_Estados\\_Unidos](https://pt.wikipedia.org/A9cima_Terceira_Emenda_Constitu_dos_Estados_Unidos)

presentes na convenção, ela foi a única capaz de responder os argumentos e derrubar as alegações dos homens que estavam no local.

Truth também questionou o conceito de mulher universal, por mulheres africanas terem seus filhos retirados de si e vendidos como escravos. Ela ainda argumentou sobre o conceito em que a raça impõe à mulher negra a experiência do burro de carga da patroa e do marido, no sentido de passar o dia todo trabalhando nas casas para suas chefes e, à noite, ainda ter a obrigação de servir seus maridos e cuidar da sua própria casa, tornando inexistente o tempo de parar de trabalhar.

No seu discurso, em 1867 — *Keeping the Thing Going While Things Are Stirring* —, a intelectual critica o machismo dos homens pretos por conquistarem o sufrágio omitindo qualquer referência às mulheres pretas. Durante anos, a intelectual participou de convenções locais e nacionais, atraindo inúmeras mulheres para a luta de igualdade, e mesmo sendo hostilizada, ela sempre se posicionava diante do povo, transmitindo um espírito de luta à campanha dos direitos das mulheres.

A população negra também se fez presente no movimento sufragista nos Estados Unidos, mesmo que os movimentos existentes não contemplassem, principalmente, as mulheres negras. A criação da fundação *National Colored Labor Union* [Federação Sindical Nacional do Operariado de cor], em 1869, era um passo na luta por igualdade. Sua resolução tinha o desejo de não excluir as mulheres e elegeu Mary S. Carey para atuar no comitê executivo de elaboração das políticas da organização. O primeiro grande encontro organizado de forma independente pelas mulheres negras foi incitado pelos ataques racistas à jornalista Ida B. Wells<sup>20</sup>, que foi a pioneira a utilizar seu trabalho jornalístico para lutar contra a supremacia branca e a segregação racial. Ida continuou a dar palestras e defender a sua raça e recebeu uma quantia de dinheiro para a criação de outro jornal.

Por causa do seu discurso sobre linchamento, Mary Church Terrell apareceu pela primeira vez ao público. Terrell foi uma das primeiras mulheres afro-americanas a ganhar um diploma universitário, em Oberlin College. Em 1896, Terrell e outras ativistas fundaram a Agremiação Nacional das Associações de Mulheres de Cor, e ela se tornou a primeira presidente da entidade.

Depois de alguns anos, mulheres negras, operárias e imigrantes se uniram com as sufragistas brancas em uma coalizão. De 1909 a 1912, elas conseguiram o direito ao voto em

---

<sup>20</sup> Um compilado da história dessa ativista está disponível em: <https://nossacausa.com/o-que-marcou-historia-de-ida-b-wells/>



Oregon, Califórnia e Washington, assim sucessivamente, chegando às eleições presidenciais de 1916 com mais de 4 milhões de novas eleitoras.

Na década de 1970, período da segunda onda, o movimento negro crescia de forma independente, buscando sua ancestralidade, analisando historicamente as marcas de opressão e, assim, fortalecendo ainda mais a identidade da mulher negra. Militantes como Beverly Fisher e Bell Hooks denunciavam a invisibilidade das negras dentro da pauta do movimento feminista neste período.

Segundo Bell Hooks, nessa época, as escritoras negras precisavam chamar a atenção para as produções de outras mulheres negras a fim de mostrar tanto sua presença como sua ausência, além de argumentar que o movimento feminista não progredia ao ignorar questões de identidade e de criticar a preocupação com o seu eu sem apresentar abordagens alternativas ou ainda a questão da politização feminista de um modo dialético. Audre Lorde também fazia parte desta luta e, em um de seus poemas, ela cita que “pelo medo de nossas palavras não serem ouvidas nem bem-vindas”, encontrar a voz é um ato de resistência.

Durante esse período surgiu o movimento Black Power (em que mulheres como Angela Davis estavam à frente), que reivindicava os direitos civis e o fim das leis segregacionistas, o também chamado *Apartheid*. A famosa frase “*Black is beautiful*” surgiu de uma ação cultural deste movimento, que tinha o propósito de desconstruir a noção de que o fenótipo natural negro — cabelo, nariz e pele escura — eram feios, porque esse pré-conceito vinha do racismo estrutural da sociedade. A frase tenta construir uma identificação positiva, expandindo bastante a gama de representações raciais e a complexidade do que significa “ser negro” e, assim, desafiando o reducionismo dos estereótipos anteriores.

Conforme Howard Thurman, citado por Bell Hooks (2019, p. 237) comentando o processo de auto recuperação e renovação negra,

Black is Beautiful não era somente uma frase — era um posicionamento, uma atitude total, uma metafísica. Em termos muito positivos e animadores, ela começou a enfraquecer a ideia que se tinha desenvolvido por muitos anos como um aspecto central da mitologia branca: de que o negro é feio, o negro é mau, o negro é demoníaco. Ao fazer isso, ela atacou fundamentalmente a linha de frente da defesa do mito da supremacia e da superioridade brancas.

Após esse movimento, houve uma afirmação muito mais agressiva da identidade cultural negra, uma atitude positiva em relação à diferença e luta sobre a representação.

A terceira onda teve início nos anos 90. No ano de 1989, a intelectual afro-estadunidense, Kimberlé Crenshaw introduziu um estudo muito importante para esse novo

período que estava chegando. A professora de Direito e pesquisadora da área dos direitos civis teve seu trabalho como influenciador na elaboração da cláusula de igualdade da Constituição da África do Sul. Na Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, no ano de 2001, Crenshaw traz como teoria crítica à raça e à interseccionalidade:

A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, n1º, 2002)

A autora acredita, ainda, que é preciso reconhecer as experiências das mulheres negras e não poder se enquadrar separadamente as categorias de discriminação racial e de gênero, porque ambas precisam ser ampliadas a fim de que se aborde as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam.

Patrícia Hill Collins foi uma das pesquisadoras desta década que contribuiu para o pensamento do Feminismo Negro. Em 1990, na sua obra “Pensamento do feminismo negro”, ela argumenta sobre o ponto de vista feminista. Segundo a publicação “Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2013:

O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Patricia Hill Collins é uma das principais autoras do que é denominado de *Feminist standpoint*. Em sua análise, Collins (1990) lança mão do conceito de matriz de dominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa pode se encontrar em diferentes posições, a depender de suas características. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre o outro (SOTERO, 2013, p. 36)

Essa teoria do ponto de vista feminista afirma um dos objetivos do feminismo negro, que é a questão do lugar de fala, que visa dar voz, já que pessoas possuem experiências individuais, dentro de condições sociais, e é necessário entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades. Bell Hooks, em seus escritos, aborda as questões do feminismo negro e do racismo e traz diversos autores para embasar sua tese. Uma delas é Sheila Radford-Hill (1986), para falar desta questão:

A construir uma pauta que contemple as necessidades das mulheres negras ao ajudar as mulheres negras a se mobilizar em torno de questões que percebem ter um impacto direto na qualidade geral de suas vidas. Tal desafio definiu a nossa luta e constituiu o nosso legado (...). Deste modo, mulheres negras precisam desenvolver sua própria liderança e suas próprias pautas, baseadas nas necessidades que constituem sua base primária; isto é, fundamentadas nas mulheres negras, suas famílias e suas comunidades. Essa tarefa não pode ser favorecida pelas conversas com as mulheres brancas a respeito de seu racismo estrutural.

Bell Hooks concorda com a necessidade de intelectuais negras serem engajadas no movimento feminista, desenvolvendo estratégias para abordar as diferenças das comunidades negras. Ela acredita que o propósito esconde a diversidade de experiências e posições, pelo fato de que mulheres negras que têm pessoas brancas como seus superiores têm necessidade de um projeto político que aborde o racismo vindo de pessoas brancas.

### 3.3 GÊNERO E RAÇA

O autor Stuart Hall (1999) entende que raça e etnia não são sinônimos, pois, pelo ponto de vista biológico, a etnia serve para hierarquizar os seres vivos como raça superior e inferior e distinguir as espécies de animais. Na questão cultural, raça é a diferenciação de características físicas das pessoas, como cor de pele, cabelo, entre outras. Já gênero, na biologia, é uma unidade de classificação de espécies, seres e organismos. Com as mudanças socioculturais, houve uma ruptura na maneira como é construída a identidade feminina, e o movimento feminista tem grande influência nessas mudanças.

A autora Chimamanda Ngozi Adichie traz uma problemática na questão de gênero que é prescrever como devemos ser em vez de reconhecer como somos. O peso da expectativa de gênero faz a mulher carregar o peso de ter que se encaixar no padrão que é conhecido como feminino.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, de 1949, aborda a perspectiva da categoria do *Outro*. A mulher seria esse outro, pois é vista como um objeto, que não possui função alguma e não tem reciprocidade do olhar do homem. Grada Kilomba articula esse conceito, afirmando que a mulher negra é o *Outro do outro*, sendo uma posição ainda mais difícil de reciprocidade.

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: Um debate sobre racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa

dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997), que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado ‘terceiro espaço’. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição ‘sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e do outro lado, de mulheres’ (MIRZA, 1997, p. 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de ‘raça’ e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separatistas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (KILOMBA, 2012, p. 56)

Para a autora, é necessário enfrentar essa falta, esse vácuo que não enxerga a mulher negra numa categoria de análise. Kilomba ainda afirma sobre a categoria do *Outro* que as negras, por não serem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade, pois só podem ocupar o lugar do *Outro* e nunca de si mesmas.

Patrícia Hill Collins também articula esse pensamento que faz a mulher negra ser vista com subalternidade, esse lugar de ser o *Outro* e a necessidade de mulheres negras se auto definirem:

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se, e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da forma pressuposta de comportamento masculino branco.

Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras com um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos. (COLLINS, 2016, p. 105)

No ano de 1974, o coletivo de feministas negras e lésbicas, *The Combahee River Collective*, publicou a Declaração Feminista Negra, que tinha como compromisso o desenvolvimento de lutas contra opressão racial, sexual e de raça. As irmãs Bárbara e Beverly Smith manifestaram em Boston sobre o pensamento interseccional e sobre a Declaração de 1974:

Acreditamos que a política sexual sob o patriarcado é tão onipresente nas vidas das mulheres negras, quanto às políticas de classe e raça. Também achamos, muitas vezes, difícil separar opressões de raça, classe e sexo, porque nas nossas vidas, elas são quase sempre experimentadas simultaneamente. Nós sabemos que existe uma coisa que é uma opressão sexual-racial que nem é somente racial nem somente sexual, por exemplo, a história do estupro de mulheres negras por homens brancos como arma de repressão política.

O coletivo acreditava também que as políticas mais profundas e mais radicais vinham diretamente da nossa própria identidade e não do trabalho para acabar com a opressão de alguém. Conhecer as necessidades da pessoa como indivíduo é ser político.

Carla Akotirene acredita que manifestações como essa, além de encontrarem caminhos de ressarcir vozes secularmente inaudíveis até a publicação, advertem equívocos analíticos da sociedade civil e Estado toda vez que a mulher é tomada de modo universal.

O conceito de intersecção, segundo Carla Akotirene (2019), visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>21</sup>— produtores de avenidas identitárias, em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Como já dito anteriormente, Kimberlé Crenshaw é a pioneira em teorizar esse pensamento. A autora acredita que a interseccionalidade pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos, desenvolvendo uma maior proximidade entre diversas instituições. Essa linha de pensamento permite que se enxergue a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do pecado do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o machismo. Esse conceito dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente constituída.

Ela também serve como ferramenta para que as mulheres analisem os tipos de opressões que sofrem e reconheçam as diferentes identidades e experiências, percebendo onde começa o racismo e termina a discriminação regional, que, segundo a autora, é a democracia racial defendida pela elite branca, havendo em cada país um deslocamento de privilégios diferente. O conceito *sisterhood* (irmandade entre mulheres) foi evitado, quando não problematizado e desconstruído, justamente porque era considerado excludente com a imensa variedade de mulheres que existiam e existem (para as feministas, a ideia de união/unidade defendida pela segunda onda implicava necessariamente numa anulação das especificidades de cada grupo de mulher).

Não existe hierarquia de opressões, a interseccionalidade se refere como a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades. O dinamismo identitário produz novas formas de viver, pensar e sentir, podendo ficar submetidas a certas identidades insurgentes, ressignificadas pelas opressões.

---

<sup>21</sup> Atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão

O conceito mostra que é preciso incorporar a questão de gênero à prática dos direitos humanos e a questão racial ao gênero, porque homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero, visto que nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. Por exemplo, uma mulher negra periférica: ela não sofrerá só um tipo de discriminação — de raça, gênero ou social — eles iram se sobrepor e esse indivíduo sofrerá as três discriminações em conjunto.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, nos aprofundaremos no caminho percorrido para a realização deste trabalho. O objeto desta pesquisa, por ser um seriado de televisão americano ABC, está disponível na plataforma de *streaming* Netflix para visualização mundial, o que facilita o acesso aos episódios escolhidos para o estudo de caso e sua estruturação. Segundo pesquisa realizada pela Toluna<sup>22</sup>, nove em cada dez pessoas utilizam serviços de *streaming* aqui no Brasil e 94% das pessoas entrevistadas utilizam a plataforma Netflix como o meio de acesso a séries e filmes. Esse dado é relevante para mostrar o quanto a produção audiovisual presente nestas plataformas está inserida na sociedade brasileira.

Para atender o problema de pesquisa e os objetivos propostos, entende-se que o estudo de caso é o método mais adequado. Segundo Ying (2015, p. 21), o estudo de caso surge como um desejo de compreender fenômenos sociais complexos que

Permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores.

Ying (2001) também ressalta que o estudo de caso é muito útil quando se quer investigar acontecimentos contemporâneos e aprofundar o estudo de fenômenos.

No capítulo introdutório, foram apresentados dados de pesquisas que mostram como as plataformas de *streamings* e seriados de TV fazem parte do cotidiano das pessoas, e a falta de representatividade negra em produções audiovisuais. Esses dados são importantes para embasar uma das justificativas para a escolha do objeto de pesquisa, porque *Grey's Anatomy* é um seriado escrito por uma mulher negra e tem grande representatividade de gênero e raça em sua produção, como em outros dramas da mesma autora.

Contudo, trata-se da grande visibilidade que a narrativa tem e de como ela se mantém em alta mesmo depois de 15 anos, com saídas e entradas de personagens. Para falar de *Grey's Anatomy*, é preciso citar quem é Shonda Rhimes, por que ela é uma das roteiristas mais aclamadas na atualidade e quais foram seus feitos para a produção do entretenimento. Rhimes, além de escrever *Grey's Anatomy*, escreveu outras séries que fazem muito sucesso e que têm a diversidade como elenco principal.

---

<sup>22</sup> Pesquisa sobre consumo de streamings: <https://www.istoedinheiro.com.br/nove-em-cada-dez-pessoas-usam-servicos-de-streaming-no-brasil-segundo-pesquisa/>

Na introdução, também foi feito um breve resumo sobre a série para apresentar ao leitor que ainda não teve contato com a produção seu contexto, para que se familiarizasse com o elenco e o contexto narrativo que irá ser abordado nos próximos capítulos. A fim de justificar a escolha do objeto, foram exemplificados outros trabalhos acadêmicos que inspiraram a produção deste, além das motivações pessoais da autora, que tem um laço afetivo forte com esse seriado e com temas relacionados à raça.

O segundo capítulo também trouxe um breve histórico da plataforma Netflix, que é o *streaming* de maior abrangência da população brasileira e do mundo, além de ter Grey's Anatomy no seu catálogo. Para dar uma maior familiaridade com o objeto de pesquisa, trouxe o subcapítulo em que é abordada a influência de Grey's Anatomy na TV atual e como a produção audiovisual possui uma alta visibilidade, além de sua importância em debater os assuntos atuais da sociedade.

Durante toda a pesquisa, surgiu uma pergunta sobre como funcionava a classificação de uma produção audiovisual, qual a diferença de um seriado para uma telenovela, já que esses dois gêneros fazem parte da vivência televisional dos brasileiros. Percebendo esta questão, foi necessário um subcapítulo para explicar as diferenças entre elas, visto que essa distinção é muito maior do que a quantidade de capítulos, transpassando até questões de núcleos de personagens.

Depois de explicar brevemente a história da televisão americana e falar sobre o seriado Grey's Anatomy e o seu papel na produção audiovisual atual, para falar sobre sua representatividade, foi necessário apresentar e refletir sobre a luta das afro-americanas pelos seus direitos e reconhecimento, que se dá desde o período escravocrata. Com isso, apresentamos no terceiro capítulo a representação midiática das mulheres negras e, mesmo que de forma breve, toda a história de luta dessas mulheres, que até hoje deixa marcas e permanece viva em muitas produções de TV mundo afora. Dar visibilidade para vozes que muitas vezes não são vistas é importante para mostrar que, se tivéssemos conhecido a luta dos povos "oprimidos" da forma que ela realmente foi, talvez nossa sociedade já teria eliminado o preconceito que nela está inserido.

Foi necessário mencionar o conceito de gênero e de raça, além de explicar que pode haver uma interseccionalidade entre ambos porque na escala de opressão os dois conceitos andam juntos e, em muitas ocasiões, não devem ser analisados separadamente. Para falar sobre essas questões, quis trazer uma bibliografia de escritoras negras, com auxílio de Stuart Hall, que é um grande pesquisador da área.

A preferência por escritores negros se dá pelo fato deste trabalho abordar a questão da representatividade negra e que, para ela ser efetiva, é preciso nos desvencilhar da bibliografia



comum que, muitas vezes, é oriunda de escritores brancos popularmente vistos na academia. Em todo este trabalho, procurei artigos e livros de autores afrodescendentes; em alguns pontos como, por exemplo, para falar de TV americana, não foi encontrada uma bibliografia que não fosse de autores brancos. Porém, esta pesquisa possui uma base teórica de maioria negra, dando visibilidade para escritores que, muitas vezes, não são conhecidos pela sociedade.

Muitos autores e pesquisadores negros não têm o mesmo reconhecimento na academia que autores eurocêntricos que estão na bibliografia dos cursos de graduação. A autora Sueli Carneiro traz o conceito de “epistemicídio”, originalmente proposto pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos, como nomenclatura para esse fato e explica em sua tese o conceito:

Aliar-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esse processo denominamos epistemicídio. (CARNEIRO, 2005, p. 324)

Dar visibilidade a esses autores é quebrar o epistemicídio vivido na comunidade acadêmica e mostrar que há outros autores importantes que devem ser conhecidos.

Para falarmos de Grey’s Anatomy, Gil (2008, p. 57) afirma que o estudo de caso tem como objetivo explorar situações da vida real e descrever o ambiente e o contexto em que está sendo feita a determinada investigação. Dessa forma, com o seriado, o propósito foi investigar a personagem escolhida e suas representações e analisar os episódios que mostram a sua trajetória até antes de trabalhar no hospital.

Para efetuar o mapeamento dos episódios do seriado, situados em 15 temporadas, que abordam a trajetória de Miranda Bailey foi efetuada a sua observação. Depois de identificados e classificados segundo critérios de relevância para o estudo, foi necessário filtrar, entre os pré-selecionados, as cenas em que a personagem estudada nesta pesquisa aparece em situações que nos façam debater sobre a nossa realidade. Essa seleção foi necessária pelo fato de Bailey aparecer em todos os episódios do seriado, já que é uma médica que tem bastante relação e auxilia na vida profissional da protagonista Meredith Grey e de outros personagens; logo, teríamos muito material sobre ela.

## 4.1 GREY'S ANATOMY

De forma resumida, aparecem aqui os principais acontecimentos das primeiras temporadas do seriado. No capítulo de análise, serão tratados alguns episódios específicos, selecionados entre a primeira e a décima quinta temporada a fim de exemplificar o estudo de caso.

O seriado escolhido foi *Grey's Anatomy*, por se tratar de um fenômeno atual dentro do contexto televisivo do cotidiano. Mesmo quem nunca assistiu a série já ouviu falar ou tem conhecimento sobre ela, por sua grande audiência e debates sobre problemas atuais. Durante a pandemia de Corona vírus, o seriado médico<sup>23</sup>, junto com outras produções, doou equipamentos para hospitais norte-americanos com o objetivo de auxiliar os profissionais da saúde, e isso é uma das situações que dá ao seriado uma maior visibilidade. As produções médicas<sup>24</sup>, incluindo *Grey's Anatomy*, ganharam um maior destaque durante o isolamento social, porque seus fãs se sentem aliviados por imaginarem que, se precisarem de socorro médico, poderão ser atendidos por profissionais como os médicos do Seattle Grace.

De maneira breve e introdutória, o seriado *Grey's Anatomy* já foi abordado nos capítulos anteriores, principalmente no capítulo 2, como uma maneira de apresentação e familiaridade com o objeto deste estudo. Além de falar sobre a narrativa da trama também de forma breve foram abordados brevemente alguns personagens da trama. Agora, iremos nos aprofundar mais na trama do programa para entendermos como funcionam seus núcleos.

Cada episódio do seriado tem aproximadamente 40 minutos de duração, com narração de Meredith no início e no fim. Nas primeiras temporadas, o seriado possuía uma abertura que depois foi retirada para melhor aproveitamento do tempo.

O primeiro episódio, chamado "*A Hard Day's Night*" (longa noite, longo dia), começa com Meredith Grey se apresentando para um desconhecido depois de passarem a noite juntos. Após essa cena, ela se encaminha para seu primeiro dia de trabalho no hospital Seattle Grace, onde ela e os novos internos<sup>25</sup> conhecem o chefe da cirurgia, Richard Webber (especialista em cirurgia geral), e escutam como funciona o programa de trabalho que estão iniciando. Depois dessa apresentação, motivados para encarar as primeiras 48 horas de serviço, os internos são divididos em equipes supervisionadas por residentes, que exercem uma função superior, pois

---

<sup>23</sup> Os detalhes sobre: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/03/21/series-medicas-dos-eua-doam-suprimentos-para-combater-a-covid-19.ghtml>

<sup>24</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2020/07/o-boom-das-series-medicas-durante-a-pandemia-e-o-que-explica-seu-sucesso-ckd0piy06004p0147g4g6dq8c.html>

<sup>25</sup> Nome dado durante o período de internato em que os médicos são chamados de internas/internos (em inglês interns)

podem fazer algumas cirurgias sozinhos e ter independência sobre casos de pacientes. Meredith, George O'Malley, Cristina Yang e Izzie Stevens, inicialmente, formam a equipe chefiada por Miranda Bailey, na época residente.



FIGURA 2: Cristina, George, Meredith e Izzie em frente a Miranda Bailey ouvindo suas 5 regras. Fonte: <https://criticalhits.com.br/o-primeiro-episodio-greys-anatomy>

Durante o episódio, são apresentados outros personagens de grande importância para a trama, como o Dr. Burke, cirurgião cardiovascular, e Alex Karev (interno que também iniciou seus trabalhos na mesma turma de Meredith). O episódio se passa no primeiro plantão de 48 horas dos internos no hospital, com diversos casos médicos difíceis de solucionar. Meredith acaba descobrindo que o homem com quem dormiu na noite anterior era Derek Shepherd, neurocirurgião recém-chegado a Seattle, que trabalha também no hospital como seu atendente, termo usado para se referir aos médicos de categoria “staff”.

No decorrer da primeira temporada, é mostrado como funciona o dia a dia do hospital, dos personagens e os casos médicos complicados, como casos de abuso sexual ou pessoas que estão em situação de ilegalidade no país e que precisam de um atendimento básico, o que faz os personagens criarem algum laço com os pacientes e, até mesmo, pensar sobre a sua própria vida.

Meredith já chega no seu ambiente de trabalho com certa fama, pelo fato de ser filha de Ellis Grey, uma cirurgiã renomada que ganhou duas vezes o prêmio *Harper Avery* e

desenvolveu o *The Grey Method*<sup>26</sup>. Em certo momento, a personagem acaba sendo questionada a respeito do paradeiro da sua mãe, mas esconde que ela está em uma casa de repouso por ter Alzheimer. A interna sempre tenta provar que é uma boa médica por seu trabalho e não por culpa de seu sobrenome, mas seus superiores acreditam que seu bom desenvolvimento é por causa do sangue da família.

No segundo episódio, Alex Karev é remanejado para a equipe de Bailey para ter um melhor desenvolvimento, ficando sobre a observação de Cristina Yang, que mostra como é a rotina de tarefas distribuídas pela sua supervisora. Durante os primeiros episódios, Bailey, em vários momentos, explica para sua equipe que o paciente tem uma história e não deve ser tratado como um número e que a sensibilidade com os pacientes é o que auxilia na solução dos quadros clínicos.

Ao longo da primeira temporada é perceptível que Bailey tem uma personalidade forte, que impõe suas ideias e opiniões sem medo dos seus superiores. O chefe da cirurgia, Richard Webber, tem uma grande admiração pela residente, por ver que a médica tem um brilhante futuro dentro do hospital e que é extremamente focada em dar o melhor em seu trabalho.

Um dos exemplos que mostram como a personagem é justa com seu trabalho e com seus aprendizes é quando Bailey vê que Meredith e Derek estão tendo um envolvimento amoroso e que o médico acaba sempre colocando a interna para trabalhar e acompanhar suas cirurgias a fim de ficar de olho. Bailey, ao ver a situação, intimida Derek, dizendo que ele não deve privilegiar Meredith em comparação aos outros internos e que não tem medo dele, mesmo sendo seu superior. Para “castigar”, Bailey começa a dar tarefas mais clínicas para a interna, já que ela acompanhou algumas cirurgias neurológicas por estar se envolvendo com o chefe da neurocirurgia. É visto também durante a trama a residente à frente de grandes cirurgias e casos que chegam na emergência do Seattle Grace Hospital.

Porém, mesmo que Bailey transpasse uma personalidade ríspida, ela se preocupa com o desenvolvimento dos seus internos, como, por exemplo, quando ela fala para Izzie Stevens que não deve levar os pacientes para o lado emocional, porque isso, muitas vezes, dificulta a tomada de decisões do médico. No último episódio da primeira temporada, o chefe Webber é diagnosticado com um tumor que pode atingir sua visão. Os sintomas já vinham sendo evidentes, como na cirurgia em que ele deixou cair um objeto hospitalar e, ao ver isso e a

---

<sup>26</sup> The Grey Method é uma técnica laparoscópica para tratar a vesícula biliar. Embora receba este nome, Meredith fará uma correção, ao longo das temporadas, dizendo que o método foi criado em parceria entre Ellis Grey e outra médica, Marie Cerone, retificando o nome para Grey-Cerone Method

dificuldade que ele estava tendo ao suturar um paciente, Bailey assume a cirurgia para a falha do chefe não ficar evidente.

Webber precisa fazer uma cirurgia para retirar o seu tumor e pede sigilo de Derek, porque a cirurgia será capitaneada por ele. O procedimento será feito em segredo e, para isso, são selecionados apenas médicos de confiança do chefe, Grey e Bailey. Na segunda temporada, vemos que a cirurgia foi bem-sucedida e que o chefe não perdeu sua visão.

No mesmo episódio assistimos ao incidente que ocorre com Joey, dono do bar que fica em frente ao hospital e que é frequentado por todos os médicos em diferentes momentos da série. O bartender, que demonstra ter uma relação de afeto com todos os personagens, precisará passar por uma cirurgia que consiste em resfriar seu corpo para realizar o procedimento e depois reaquecê-lo, como um processo de ressuscitação. Bailey conta para George como conheceu Joey: nos seus primeiros dias de interna, ela estava em uma turma em que só ela era mulher e isso, de uma certa forma, a desmotivou. Ao ir ao bar, Joey fala a Bailey que ela será uma grande médica e não devia se deixar abater. A agora residente fala o quão importante para ela foi aquela conversa e que espera que a cirurgia ocorra bem, o que de fato acontece.

Ainda na segunda temporada, descobrimos que Bailey é casada e está grávida. Por causa do desenvolvimento da gravidez, a residente tem que se afastar do trabalho e, assim, seus internos conhecem sua substituta, Dra. Sydney Heron, que é totalmente o contrário da conhecida nazi. O décimo sexto episódio da segunda temporada, intitulado "*It's the End of the World*", passou após a exibição do Super Bowl, como já citado no primeiro capítulo deste trabalho. Esse é o famoso episódio da bomba, mas, para quem não sabe, esse também é o episódio em que Bailey entra em trabalho de parto e fica muito nervosa porque não sabe onde seu marido está. A trama perdura até o 17º episódio, que é quando a residente dá a luz ao menino William George Bailey Jones. O nome George é em homenagem ao residente George O'Malley, que esteve ao seu lado e a convenceu a prosseguir em seu trabalho de parto.

A personagem sempre levou seu trabalho muito a sério, tanto que ela aparece no hospital para trabalhar, mesmo estando de licença-maternidade. Um dos motivos da sua volta repentina é o medo de não ser mais conhecida como "nazi", pelo fato de ter virado mãe.

Durante esses episódios, um paciente que está à espera de um coração ganha destaque na trama, Denny Duquette. Ele e Izzie começam a ter um romance e, movida pelo desespero de salvar a vida de seu namorado, a interna realiza um procedimento que é "ilegal" para que ele consiga o coração, porém ele acaba morrendo. Por essa atitude, Bailey acaba sendo responsabilizada pelas atitudes da sua interna; porém, numa reunião é defendida pelos seus alunos.

Na terceira temporada, vimos a residente insistir em um projeto de abrir uma clínica gratuita no hospital, o que, de fato, ela consegue realizar no decorrer da trama, com o dinheiro da herança que Denny deixou para Izzie. Já na quarta temporada, temos o caso de um paciente que se recusa a ser atendido por Bailey. Como esse episódio será um dos que iremos abordar no próximo capítulo, ele não será aprofundado agora.

Na quinta temporada, vemos uma evolução de Bailey: agora ela ganha novas atribuições e mais responsabilidades, como chefiar um “procedimento dominó” em que cada cirurgião deve começar seu trabalho no ponto em que o cirurgião anterior parou, além de cirurgias mais “difíceis”. Por ter chegado a um nível mais alto da sua residência, ela precisa escolher uma especialização e, mesmo contra a vontade de Webber, Bailey diz que tem interesse na pediatria. Por esse motivo, ela acompanha a dra. Arizona Robbins em alguns procedimentos pediátricos e, no final da temporada, é aceita no programa de pediatria, mas acaba ficando descontente com a notícia.

## 4.2 SOBRE O ATO DE PESQUISAR

Para o êxito do percurso metodológico, assisti ao, seriado desde o seu início em uma segunda vez, para analisar de forma minuciosa todas as cenas em que Miranda Bailey aparece e filtrando os episódios e cenas que são mais relevantes e importantes na trajetória da personagem. Pelo fato de a personagem estar desde o início da trama (Bailey aparece em quase todos os episódios das quinze temporadas do seriado), foi necessário criar um processo que filtrasse esses episódios para o campo analítico deste estudo.

A utilização de produções audiovisuais como estudo de caso de pesquisas está se tornando algo comum no meio acadêmico. Pensar a cultura como comunicação e, até no viés informativo como troca de conhecimento, é tão importante quanto analisar peças jornalísticas da imprensa convencional, afinal, atualmente é bastante recorrente ver o entretenimento pautando o jornalismo, tanto para matérias culturais como, até mesmo, *hard news*.

O consumo de seriados e filmes só cresce com a popularização dos *streamings*. No período de quarentena, o consumo dessas produções audiovisuais só aumentou, principalmente na plataforma Netflix, pelo fato das pessoas não poderem sair de casa e precisarem de um entretenimento a mais<sup>27</sup>. A pesquisa precisa estar situada neste cenário atual, em que as pessoas já possuem uma familiaridade com os seriados e o seu consumo só se intensifica, junto com os

---

<sup>27</sup> Pesquisa sobre o aumento de consumo de seriados: <https://observatoriodeseries.uol.com.br/saiba-quantas-horas-as-pessoas-estao-assistindo-de-netflix-na-quarentena>

novos projetos. Todas as produções comunicam, e a nossa função social é trazer uma nova visão e refletir sobre essas produções.

A revisão teórica, efetuada nos capítulos anteriores, permite neste capítulo apresentar os procedimentos metodológicos deste estudo. Antônio Carlos Gil (2008, p.28) explica que uma pesquisa descritiva tem como característica descrever uma população ou fenômeno. Nesta pesquisa, queremos descrever características vistas no objeto estudado, ao longo do seu desenvolvimento, sobre questões de gênero e raça e sua intersecção.

Para o que se configura como um estudo de caso, são necessárias técnicas de pesquisa bibliográfica, que é uma parte importante visto que

vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2014, p. 51)

Gil (2008, p. 28) aponta que a pesquisa descritiva faz o pesquisador social se preocupar com a sua atuação prática, com um apoio de dados do mundo social, que são produzidos por processos de comunicação. A pesquisa, mesmo tratando de um seriado ficcional, abordará temáticas de racismo e machismo, que são frequentes na sociedade atual, como uma forma de interpretação dessa realidade, e mostrar que estão sendo desenvolvidos programas audiovisuais que se importam com a representatividade negra e feminina.

Grey's Anatomy faz sua audiência debater sobre situações reais e, inclusive, muitas situações de preconceito e vivências que a autora viveu e presenciou. Os procedimentos desenvolvidos para um maior detalhamento, conforme Gil (2008, p 50), têm seus pontos positivos:

A vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço.

De acordo com o autor, pelo “fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2008. p 50), uma pesquisa mais aprofundada dá um maior discernimento sobre o objeto de pesquisa.

O método de estudo de caso é um processo de investigação e delimitação do universo que é estudado. Ventura (2007) traz o conceito de Goode e Halt (1979) que falam que um estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário,

considerando o estudo de caso da unidade como um todo e incluindo seu desenvolvimento. Ele pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, porque tem um interesse próprio e, muitas vezes, particular. Para complementar esse pensamento, Ventura traz Yin (2001) para falar mais sobre essa modalidade metodológica:

O estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica e o planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto dados de caso único quanto de múltiplos, assim como a abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa.

Durante seus 15 anos, o seriado conquistou diversos fãs pelo mundo, principalmente no Brasil, e a narrativa consegue contextualizar em seus episódios fatos da realidade humana e até histórica, trazendo também questões debatidas na sociedade. O seriado já foi pano de fundo para alguns acontecimentos reais noticiados em veículos de comunicação como, por exemplo, um estudo na área médica que comprovou que o seriado mata mais pacientes do que a vida real<sup>28</sup> e até o caso de um jovem de São Paulo que se passou por médico, dizendo que era formado pelo seriado<sup>29</sup>.

Os episódios filtrados das 15 temporadas do seriado serão, em primeiro momento, aqueles em que a protagonista negra mostra sua história, tanto na vida familiar e amorosa. O recorte serve para acompanhar uma possível evolução da personagem. Bailey aparece na maior parte dos episódios no ambiente de trabalho; assim, para analisar seu desenvolvimento na vida pessoal, será necessário utilizar os episódios que mostram seu passado e sua vida fora do hospital.

O segundo objetivo específico do trabalho é investigar como o seriado aborda questões de racismo e machismo envolvendo a personagem Miranda Bailey e, para isso, será feita a observação das cenas que tratam dessas questões para analisar como a trama se desenvolve neste assunto, utilizando a técnica de análise de representação com base teórica dos autores lidos para explicar o que são representações. Esta escolha e observação dos episódios filtrados também será utilizada para desenvolver o último objetivo específico deste trabalho, que é examinar se há uma fuga de estereótipos na trama dessa personagem.

Segundo Yin (2001, p. 27), “embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla

---

<sup>28</sup> Matéria na íntegra: <https://www1.folha.uol.com.br/greys-anatomy-mata-tres-vezes-mais-que-vida-real-diz-estudo.shtml>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/homem-e-detido-ao-se-passar-por-falso-medico-e-diz-que-queria-imitar-greys-anatomy.shtml>



variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações [...]”. Esse caráter observatório foi essencial para a filtragem dos episódios, além da pesquisa documental em sites que falam sobre os momentos marcantes do seriado e a história de Grey’s Anatomy.

Nesta etapa, o embasamento teórico será ainda mais importante para identificar como a personagem é representada e se existe uma fuga de estereótipos pelo fato da roteirista ser negra, além de saber dos preconceitos e estereótipos que são colocados na personagem negra que foi estudada. Vale ressaltar que, mesmo que o seriado tenha sua 16ª temporada já lançada na emissora ABC e disponível em algumas plataformas gratuitas, por estes episódios ainda não estarem disponíveis na Netflix até o início deste trabalho, analisei as temporadas que estão no *streaming*.

## 5 A MULHER NEGRA EM CENA

Com base nos capítulos anteriores e na contextualização sobre o seriado Grey’s Anatomy, neste capítulo realizaremos a análise dos episódios selecionados. No subcapítulo 4.1, contamos o desenvolvimento da personagem Bailey nas temporadas iniciais do programa. Agora iremos abordar episódios que ainda não foram aprofundados no estudo.

### 5.1 MIRANDA BAILEY

A série, em determinados momentos, mostra que Bailey já está casada há pelo menos 10 anos e que o marido dela não lhe dá apoio para seguir sua carreira, já que, por não trabalhar na área médica, ele não entende porque ela precisa se dedicar tanto ao trabalho e não à sua vida privada. Bailey está no período de encerramento de residência, em que ela pode aceitar convites para programas de especialização em outros hospitais para se aprofundar em alguma área médica específica. Porém, por estar grávida, a personagem sabe que isso pode dificultar sua carreira.

O primeiro episódio que iremos analisar é o episódio 17 da segunda temporada, chamado “*As We Know It*”<sup>30</sup>, que é a continuação do episódio 16, “*Is The End Of The World*”. No décimo sexto episódio, Bailey chega ao hospital para dar uma bronca em seus internos, que não conseguem trabalhar com outros supervisores. Nesse momento, sua bolsa estoura e Bailey entra em trabalho de parto.

---

<sup>30</sup> Em português o episódio 17 é chamado de “Conforme sabemos”. Já o episódio 16, citado no texto, é traduzido como “É o fim do mundo”.

A personagem é atendida pela cirurgiã neonatal Addison Shepherd, enquanto Webber e O'Malley ficam do lado de fora esperando novidades. Quando as duas saem, os dois médicos se preocupam com a saúde de Bailey e ela afirma que não precisa de nenhum tratamento especial e que só quer achar seu marido. Ela não sabe, mas seu marido sofreu um acidente a caminho do hospital e está ali também sendo atendido. Os médicos que o atendem descobrem que se trata do marido de Bailey, Tucker Jones, e Derek, que está chefiando esse caso, afirma que dará seu melhor por se tratar do marido de uma amiga.

Enquanto isso, sem saber o estado de Tucker, a grávida se esforça para que seu filho não nasça antes de seu marido chegar. Desesperada, ela liga centenas de vezes para Tucker, e suas contrações começam a piorar. Addison e George a todo momento tentam acalmar Bailey e falar que estão à procura do seu marido, até que todos os funcionários do hospital recebem o alerta sobre um código preto, o que significa que ninguém entra ou sai das suas dependências. O alerta foi emitido pois há uma suspeita de objeto explosivo, que se encontra dentro de um paciente na Sala de Operações ao lado daquela em que Derek está realizando a cirurgia de Tucker.

O esquadrão antibomba é chamado e é preciso evacuar o andar, mas Derek se recusa a sair da sala, pois, se parar o procedimento naquele momento, Tucker pode morrer. Na sala ao lado, a socorrista está com a mão dentro do paciente, estancando o sangue e evitando uma explosão e, por ver a gravidade da situação, começa a se desesperar.



FIGURA 3: Meredith (à esquerda), socorrista com a mão dentro do paciente (ao meio) e Cristina na ponta. Fonte: Foto / Divulgação

A moça, com medo de morrer, acaba tirando a sua mão de dentro do paciente e quem toma seu lugar é Meredith Grey. Neste meio tempo, Bailey é avisada que seu marido está em cirurgia e começa a exigir ser levada para casa e, mesmo Addison dizendo que o parto precisa ser feito naquele momento, Bailey se recusa. Ela também não aceita medicamento para dor quando chega nos 6cm. Todas as cenas das médicas juntas se resumem a isso: Addison insistindo para Bailey tomar alguma coisa e ela se negando. Bailey fica se alongando, vocalizando e a outra médica falando “tomar uma analgesia epidural não é vergonha nenhuma”.

A grávida resiste em fazer força e começa a chorar por não querer realizar o parto. George, ao ver a situação, fala para Bailey que está surpreso com ela porque “eu não achei que, eu sinceramente esperava mais, você é Dra. Bailey, não se esconde de uma briga, você luta com garra, você é uma executora<sup>31</sup>. E eu sei que tem muitas coisas acontecendo por aqui que não temos controle, mas isso nós podemos fazer”.



FIGURA 4: Bailey em trabalho de parto e George a auxiliando enquanto a Dra. Shepherd realiza o procedimento. Foto Divulgação

No final do episódio, é mostrado que a cirurgia do Tucker deu certo, e Bailey já está com seu filho, William George Bailey Jones<sup>32</sup>. O segundo nome do seu filho é em homenagem ao interno George, por ter estado ao seu lado o tempo todo.

<sup>31</sup> executora é uma referência que George usa, após conversar com Izzie e os dois perceberem que Meredith e Cristina são pessoas que estão sempre executando coisas, estão à frente das situações, enquanto eles são os espectadores.

<sup>32</sup> Ao longo das temporadas o filho de Bailey ganha o apelido de “Tuck”, em referência ao seu pai

Como já visto neste estudo, a mulher negra, desde a escravidão, precisou trabalhar de forma igualitária e, muitas vezes, até mais do que o homem para sobreviver. Esse fato fez com que se criasse a imagem da mulher negra como alguém que não possui momentos de fraqueza. Em *Grey's Anatomy*, vemos Bailey sempre com essa postura de mulher forte e centrada em seu trabalho, mas, do momento em que descobre que está grávida até o final da sua gestação, a personagem tem que se mostrar competente para evitar perder o emprego e acaba deixando sua vida pessoal em segundo plano, tentando dar conta do trabalho e da sua gestação ao mesmo tempo. Nas cenas que precedem seu parto, podemos ver uma quebra, em que Bailey se mostra uma mulher que precisa de apoio e afeto do seu marido, pois está vivendo um grande momento em sua vida. Também vemos o respeito e o carinho de todos os médicos para com a personagem que, por mais que tenha o apelido de “nazi”, se mostra a grande engrenagem daquele ambiente de trabalho.

Os próximos episódios que abordaremos estão na quarta temporada e se chamam “*Crash Into Me*”<sup>33</sup>, parte 1 e 2. Estes dois episódios são alguns dos mais viralizados do seriado, por trazer o racismo como uma das principais pautas. Aqui, Bailey já é residente-chefe do hospital e, por esse motivo, acaba ficando muito mais tempo no trabalho do que em casa. Antes mesmo de assumir o cargo, Bailey já tinha uma rotina exaustiva, com uma carga horária de trabalho bem alta, e seu marido já tinha deixado claro seu descontentamento com a dedicação demasiada de Bailey ao seu trabalho.

Na primeira parte do episódio, somos levados à casa da Bailey, onde ela está tomando café enquanto seu marido lava a louça. Este é um dos motivos para o seu marido acabar se sentindo esgotado: ter que fazer os afazeres domésticos e, principalmente, cuidar do seu filho, que ainda é bebê, em tempo integral, enquanto ela faz as funções que, historicamente, seriam desenvolvidas pelo pai, não conseguindo passar tanto tempo ao lado do seu filho.

Tucker fala para Bailey que ela só fica em casa entre a meia noite e as 6 da manhã e que está cansado disso. Ela diz que foi escolha dele querer ficar em casa para cuidar do bebê, e os dois decidem se encontrar no horário de almoço no hospital para conversarem melhor sobre a situação do casal.

Já no *Seattle Grace*, Bailey e seus internos vão ver a situação do paciente que está chegando na ambulância. Após retirar o paciente e colocá-lo numa maca, Meredith percebe que outra ambulância está chegando em alta velocidade e, com isso, acaba colidindo com a que já

---

<sup>33</sup> O nome dos episódios em português são “Me atropelando: parte 1 e parte 2”

estava parada ali na frente. Os médicos, então, vão ver a situação dos paramédicos das duas ambulâncias.

Uma delas acaba virando, deixando os dois paramédicos presos entre as ferragens. Meredith tenta conversar com eles até os bombeiros chegarem, enquanto Bailey entra na outra e pergunta como está o paramédico. Ele diz que a motorista não responde mais e acredita que a situação dela está grave. A motorista já está sendo atendida por outro médico e Bailey se preocupa com o estado do rapaz, que aparenta ter se machucado. Ele tenta resistir e não deixa Bailey chegar perto para fazer um curativo na sua testa, diz que pode caminhar sozinho, que até está sentindo dor, mas que não precisa de atendimento.

O paramédico insiste em falar apenas sobre a situação da colega dele, mas Bailey continua a questionar o que ele está sentindo e afirmar que ele precisa ser atendido também. Quando o homem está saindo da ambulância, ele pergunta se ela não se importa de chamar um médico homem para atendê-lo.



FIGURA 5: Bailey tentando examinar o paramédico que se recusa a olhar para ela. Foto: Gale Harold.it

Já dentro do hospital, Bailey continua tentando que o paciente fale com ela e a deixe examiná-lo. Ela até fala que é qualificada para fazer o trabalho e que suas mãos são menores do que a de um homem e que isso facilita no toque para identificar do que se trata. O paramédico continua a se negar, até que chega o chefe da cirurgia, Richard Webber, para ver o que estava acontecendo. O paciente ao ver os dois diz que queria ser atendido por outro tipo de médico. Webber entende a situação e olha para Bailey dizendo que aquele paciente queria ser atendido por um médico branco e pergunta se ela consegue lidar com aquele caso, já que no hospital tinha muito mais gente precisando de ajuda.

A doutora pede para a nova cirurgiã cardiovascular, Dra. Hahn, que empreste Cristina Yang para lhe auxiliar com o paciente preconceituoso e a médica autoriza. Enquanto Bailey

espera pela sua interna, o paciente começa a falar que está ferido e com dor, e a médica, de forma irônica, diz “Tente não morrer. Alguém logo estará aqui para salvar a raça superior da extinção”.

Yang chega e questiona por que foi tirada do trabalho com a Dra. Hahn, sendo que quer se especializar em cardio. Bailey fala que “Você não é negra, mas também não é branca” (Yang é asiática). A residente fala para o paciente que Yang vai fazer o procedimento nele e o mesmo acha que é uma brincadeira.

Bailey argumenta “Você é treinado em medicina. Quanto tempo acha que sobreviverá se estiver com feridas internas? Recomendo que deixe essa ótima doutora lhe examinar” e ainda avisa “Dra. Yang, dê a ele o melhor tratamento médico possível. É a lei.”

Já com a interna, o paciente se esquiva quando ela tenta examiná-lo pela primeira vez. Depois, ela afirma que precisa examiná-lo e ele diz que ficou com medo de que Dra. Bailey visse e se ofendesse. Quando Yang olha a barriga do rapaz, ela vê que ele tem tatuada uma suástica nazista. Logo após, a médica coloca o paciente em um quarto e, ao auxiliá-lo a deitar, ele diz para ela ter calma porque está com dor e Yang fala “Você tomou morfina. Vai ficar bem. Não é como se estivesse num campo de concentração, ou algo...”. O paciente tenta se explicar, dizendo “Quando as pessoas são jovens ou estão bêbadas, fazem tatuagens, depois acordam e se arrependem...”. Yang questiona se ele se arrepende, ele não responde e diz que ela deve tratá-lo como qualquer um, que isso é a beleza da América.

Na sala de tomografia, Bailey chega para ver o diagnóstico do paciente e Yang fala que já tem as imagens. Ao analisá-las, a residente conclui que o paciente precisa de cirurgia. Yang pergunta se já pode voltar ao trabalho com Hahn, e Bailey diz “Se eu tenho que trabalhar neste homem, você também”.

Yang conta sobre a suástica tatuada e fala que os pais do seu padrasto morreram em Auschwitz (poucos personagens sabem, mas na série já foi mostrado ao público que Yang é judia). Bailey fala “eu e você faremos isso, faremos a cirurgia e teremos nos elevado acima de tudo isso. Vamos ser maiores que isso. Seremos nobres”.

A caminho da Sala de Operação o paciente diz que Bailey não pode operá-lo, que ele não assinou o consentimento e ela afirma que ele precisa da cirurgia senão pode morrer, que ele pode até morrer durante a cirurgia, mas que, fazendo a cirurgia, a chance de sobreviver aumenta. Ele questiona se serão apenas as duas dentro da sala e elas afirmam que sim.

Então, o paciente diz “Não. Preciso de pelo menos um médico branco naquela Sala de Operação, para que não me matem na mesa. Sem ofensas”. Bailey já estressada com a situação vê Derek e O’Malley no caminho e diz ao atendente que precisa de O’Malley na sua cirurgia.



Os dois falam que já estavam indo atender outro paciente, então Bailey respira fundo e comunica para Derek que “Tenho que operar um nazista e ele solicitou a presença de um médico branco para me supervisionar e certificar-se de que não vou matá-lo”. Derek cede o interno e Bailey avisa que ele deve fazer o paciente assinar o consentimento, anestesiá-lo e deixá-lo pronto para o procedimento. Bailey já está de saída quando Derek fala que ela poderia passar essa cirurgia para outra pessoa. Ela então responde “Isso me igualaria a ele. E eu não sou igual a ele.”

Dentro da sala, o paciente já está anestesiado quando a Dra. Bailey entra na Sala de Operação. Já na frente do paciente, Bailey fecha os olhos e faz uma oração em silêncio. A médica sempre realiza esse momento de silêncio de olhos fechados em todas as cirurgias que realiza, o que muitas vezes é só uma forma de se concentrar. O’Malley, que está logo atrás dela, a chama e ela responde “estou invocando Jesus dessa vez. Não me interrompa quando estou invocando Jesus. Quase não faço isso, ele talvez não me ouça”. Ao abrir os olhos, Bailey pede o bisturi.



FIGURA 6: O’Malley ao fundo, Bailey olhando o paciente deitado e Yang a sua frente. Foto/Divulgação

Ao pegar o bisturi e olhar para o paciente, Bailey começa o procedimento. Ela abre a barriga do paramédico onde a tatuagem está. Há um corte na cena e somos redirecionados ao marido de Bailey chegando ao hospital — eles tinham marcado de almoçar juntos para resolver seus problemas de casal — e tentando ligar para ela.

Já realizando o procedimento, Bailey vê que seu pager está tocando e olha o horário e diz “Eu deveria estar almoçando com meu marido, O’Malley. Em vez disso, estou até os

cotovelos no estômago de um nazista”. Depois disso, ela olha para todos da sala e avisa “Que ninguém nunca mais me chame de Nazista de novo”.

Na parte 2 do episódio, Bailey finaliza a cirurgia e enquanto lava as mãos pede para que Yang faça o pós-operatório do paciente. Entretanto, O’Malley entra e avisa que o paciente está com complicações. Ela pede para o interno ir falar com Tucker e pedir para ele esperar mais um pouco até ela sair daquele procedimento. O’Malley encontra Tucker e dá o recado da doutora. Seu marido já está sem paciência e diz que ela sempre está em cirurgia, sempre se atrasa.

O interno, para tentar acalmar a situação, fala que Bailey está tendo um dia terrível, que está operando um nazista e que pediu para ele esperar um pouco. Tucker afirma que Bailey não deve deixá-lo esperando por muito tempo. Quando O’Malley retorna à sala de cirurgia, Bailey percebe que a situação do paciente é ainda mais grave. Com isso, ela fala que ele deve retornar à recepção e avisar ao seu marido que vai se atrasar mais.

O’Malley no início resiste, mas acaba cedendo e vai ao encontro de Tucker. Bailey olha para o paciente, ainda inconsciente, e fala “Uma pessoa só pode elevar-se até certo ponto. Estou me elevando, mas existe um teto e estou prestes a atingi-lo”.

Na recepção, logo que O’Malley chega, Tucker fala que já não é uma surpresa ele ter ido ali, o interno fala sobre as complicações da cirurgia e pede para que o rapaz espere mais um pouco. O marido de Bailey diz que vai esperar, mas que já está cansado do fato de tudo vir antes do casamento deles, que essa é a última vez porque ele está cheio desta situação e que vai esperá-la, para ele mesmo dizer tudo aquilo na sua frente.

O’Malley transmite o recado para Bailey e ela fica questionando se o interno tinha dito tudo que ela falou. Ele afirma que sim, e a médica comunica O’Malley que ele deve voltar à recepção e falar que ela está salvando a vida de um homem, que fez um juramento que consiste em salvar vidas, que seu marido também fez um juramento de ficar na alegria e na tristeza e que, como marido, ele deve ter a obrigação de entender isso. Acrescenta, ainda, que se, em algum momento, ele precisar ser operado, talvez não encontre um cirurgião tão fiel ao seu juramento como ela.

De encontro com o marido de Bailey, o interno dá o recado da médica e solicita que ele espere mais um pouco porque eles precisam ter essa conversa pessoalmente. Tucker, irritado, diz que o casamento dele está acabado e que Bailey manda o seu interno para falar sobre a situação e que ela está sempre salvando a vida de alguém. Com isso, ele acaba indo embora.

Dentro da Sala de Operação, Bailey começa a conversar com O’Malley sobre como deve suturar o abdômen do paciente e que o corte que ela fez dependendo a forma da sutura não vai



estragar o desenho da tatuagem, mas se ela suturar de outra forma a tatuagem fica irreconhecível. O interno concorda com a decisão dela.

No pós-operatório, o paciente está sendo atendido pelo O'Malley, que explica como foi feita a cirurgia e as complicações que aconteceram durante o procedimento. O paciente olha para a tatuagem desfigurada e pergunta se a Dra. Bailey tinha feito aquilo de propósito.

O'Malley diz que não entende o rapaz, porque a outra paramédica que trabalha com ele também é negra. O paramédico confirma e pergunta como ela está. Diz, ainda, que eles salvam vidas juntos e que isso é algo legal, mas que, caso ela quisesse se casar com o irmão dele, por exemplo, ele teria um problema com isso. O paciente diz que ele não é muito diferente das pessoas que o médico conhece.

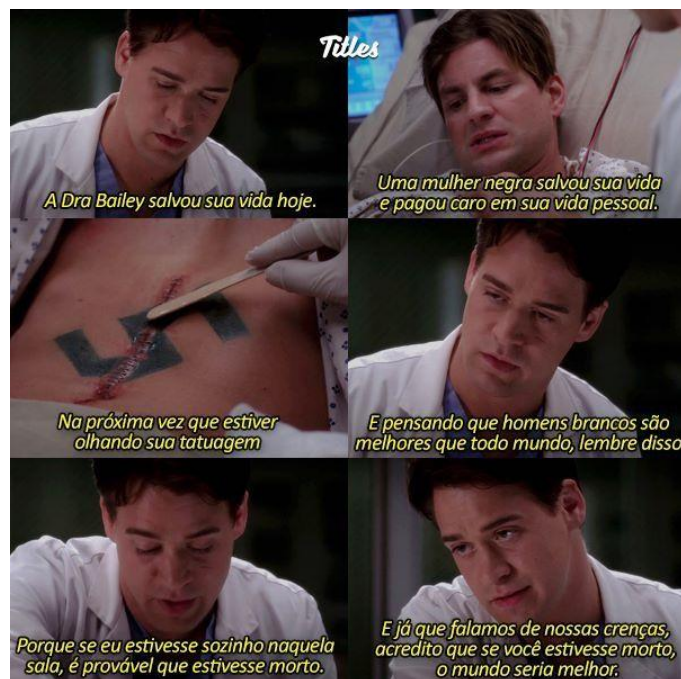


FIGURA 7: Cena do personagem O'Malley conversando com o paciente. Foto: Pinterest Tilles

Esse diálogo da imagem é um dos mais viralizados do seriado nas redes sociais e é utilizado pelos internautas toda vez que algum fato sobre o racismo vem à tona na mídia, ou qualquer outro tipo de preconceito com a população negra.

Ainda nesse episódio, Bailey observa o quadro de cirurgias. Nesse momento, Yang chega e pergunta se ela não vai para casa. A residente diz que prefere ficar ali, porque naquele horário seu marido já deve estar dormindo. Yang começa a falar que também se elevou naquele dia e começa a desabafar para Bailey que entendia que ela precisava de ajuda naquela situação,

mas que estava desapontada, porque foi usada pela sua cor de pele e que tinha comprometido a qualidade da sua educação por causa da cor dela.

Analisando a trajetória da personagem, é possível perceber que ela sempre precisou fazer de tudo para equilibrar a balança de sua vida pessoal e profissional, mesmo que o lado profissional tenha recebido mais atenção. Por estar no período de residência, a médica sempre se dedicou muito para estar à frente em sua profissão. A crise conjugal de Bailey nos mostra que, quando a mulher ocupa o lugar que, teoricamente, seria do marido, ocorre um conflito, porque o homem já idealiza a esposa como aquela que vai cuidar da casa e dos filhos e que ele sairá para o trabalho e ficará muitas horas fora de casa, muitas vezes, não auxiliando sua parceira nos cuidados com seu filho.

O egoísmo e o desprezo de Tucker com a situação enfrentada por sua esposa só nos mostra que Bailey sempre teve que se desdobrar para ser boa em todos os âmbitos da sua vida e que, se os papéis fossem invertidos, a situação não seria a mesma.

Ao longo das temporadas passadas, conhecemos uma Bailey que, mesmo transpassando uma imagem de “dura”, vai se desfazendo. Assim, conhecemos a personagem sensível, amiga, de valores impressionantes, apaixonada pelo que faz e, acima de tudo, competente.

Nesses dois episódios, temos uma ironia porque, pela primeira vez, Bailey assume uma postura nazista: quando ela usa sua autoridade para eleger Yang no procedimento cirúrgico. Yang foi escolhida pois era mulher, não negra e não “ariana”. Dessa forma, o paramédico não seria atendido por um negro, mas também não seria por um branco. Tal postura autoritária se estende para O’Malley, homem e branco, que é selecionado para a cirurgia para que o paciente assine o termo de autorização.

Bailey acabou usando todas as suas forças para provar que daria conta de ser profissional e de evoluir, tornando-se, assim, uma pessoa diferente daquele homem que idolatra o regime nazista. A personagem, como sempre, tentou abraçar todas as situações que estavam ocorrendo ao mesmo tempo e resolvê-las. Ela, de fato, conseguiu nos provar sua resiliência, admirável por conseguir suportar horas de tortura e perdas, provou que, mesmo quando temos algo que nos despreza à frente, se escolhermos aquela profissão precisamos honrá-la e dar o nosso melhor. Infelizmente, por sua dedicação ao trabalho, o preço pago foi muito alto em sua vida pessoal.

Não é comum vermos pessoas com tatuagens nazistas nos dias de hoje. O racismo e a supremacia de uma raça em relação a outra, entretanto, ainda são muito evidentes na nossa sociedade, como se esse preconceito fosse uma tatuagem só que invisível para quem não sofre com a discriminação. Tanto que, por mais que o personagem tenha a suástica tatuada, os episódios nos mostraram que as atitudes dele eram muito mais doloridas.

Quando ele se recusa a ser atendido por médicos negros, o que vemos é um retrato da realidade, porque, na sociedade, muitas vezes médicos negros são menosprezados e, até mesmo, não são vistos como médicos por muitas pessoas. A pessoa negra ainda é enxergada como inferior, como se não pudesse assumir cargos e responsabilidades maiores. A tatuagem, de fato, serve apenas para cancelar o preconceito daquele homem. Muitas vezes, conhecemos pessoas que têm atitudes e falas preconceituosas como o personagem, e acabam passando despercebidos por causa da normatização do preconceito. Não raro, quando se vê uma fala racista, seguida pela expressão “tenho amigos negros”, o comentário acaba sendo anulado.

Esse episódio nos mostra que, por mais que o paramédico trabalhe com uma colega negra e eles possuam uma relação tranquila de trabalho, ainda assim, ele se acha superior a ela e acredita que ela não poderia fazer parte de sua família, por exemplo.

O próximo episódio que vamos abordar é o décimo quinto da sexta temporada. Antes, é necessário que façamos um breve resumo dos acontecimentos com a personagem até chegar a este momento.

Bailey precisou desistir do curso na área de pediatria a pedido do seu marido. Seu casamento, porém, não dura muito por conta da insatisfação de Tucker, que não aceita que ela não seja uma mulher “da casa”, apesar de saber que a sua esposa é apaixonada pela profissão. Ela foi idealizadora da clínica filantrópica ‘Memorial Denny Duquette’. O espaço tem esse nome porque, depois da morte do paciente Denny, Izzie descobre que seu nome estava no testamento do rapaz e que ele deixou um alto valor em dinheiro para ela. Izzie acaba doando seu dinheiro para financiar a ideia de Bailey, assim podendo dar tratamento médico para pacientes sem condições financeiras.

Neste período ocorreu também a decisão de quem ficaria com o cargo de residente-chefe, e Bailey, mesmo sendo mais preparada, acabou perdendo para Callie Torres. Após ver o erro que tinha cometido e o despreparo de Callie para tarefas de chefia, Webber repensa sua decisão e coloca Bailey no posto.

O fim do relacionamento deixou a personagem muito abalada. Agora, cuidando sozinha do seu filho, ela precisa lidar com seus pais, que são religiosos e acreditam nos padrões tradicionais de família e casamentos eternos. Nesse período também, Bailey começa a conhecer e sair com o anestesista Ben Warren.

Cientes dos fatos agora seguimos para a análise do episódio chamado “*The Time Warp*”<sup>34</sup>. Além da narração inicial de Meredith, há também a narração de Webber. Enquanto

---

<sup>34</sup> Em português é chamado de “O tempo deforma”.

isso, vemos a imagem de Bailey se arrumando e sem a roupa de trabalho. Logo após, chega Ben e comenta que ela está bonita; ela revida, mas, quando ele sai, fica entendido que ela concorda com ele. Nesse momento, percebemos que ela está no hospital se preparando para um circuito de palestras que acontecerão no auditório da instituição.

Bailey é chamada para o palco e começa a jogar chocolates em Yang e Meredith para fazer as duas prestar atenção na palestra e ainda fala que dará chocolates para quem responder certo às suas perguntas. Para dar início à sua apresentação, ela retorna em suas memórias para o ano de 2003, no seu terceiro dia como interna. Dentro do quarto da paciente Alicia, ela fica atrás dos outros quatro internos e de sua residente, Dra. Baylow, e por ser baixinha não consegue ser vista em um primeiro momento. O chefe Webber, que também está no quarto, pergunta sobre a situação da paciente e o que os exames mostram. Bailey quase sussurrando ao fundo fala a resposta, mas o chefe não entende e pede para repetir, porém quem repete é sua residente.

O chefe faz mais um questionamento e Bailey acaba, de novo, dizendo a resposta e Webber pergunta quem tinha falado e, nesse momento, ela aparece com a mão levantada. Ao finalizar o atendimento, Webber sai da sala, sendo seguido pelos internos. Quando Bailey está a caminho da saída, Baylow a chama. A interna se apresenta, então, como “Mandy” e a residente fala “Mandy? É o nome que vai usar? Seus pais querem que você tenha que se esforçar muito, é isso?”. Depois dessa fala, a residente pede demandas para a interna e sai.

Bailey ainda se denominava ‘Mandy’ nessa época, usava óculos e tranças no cabelo. Ela tenta questionar sua residente e é humilhada, tendo que ouvir que ela não tem o que quer, e que os internos estão no fundo da cadeia alimentar da cirurgia.

Já na sala de cirurgia, Bailey tenta de todo jeito ver como está sendo feita a cirurgia, mas por ser baixinha e estar atrás dos outros internos não consegue ver muita coisa. Dr. Webber questiona Baylow sobre o que causa os cálculos biliares e a doutora responde com um dos exemplos: alimentos com gordura. Nesse momento, Bailey, ao fundo, com seu bloco de anotações, fala que a paciente é vegetariana. Webber pergunta quem respondeu e Bailey aparece, dizendo que foi ela e reafirmando sobre o hábito alimentar de Alicia. Irritada, sua residente pede para ela ficar quieta ou senão será retirada da sala.

Webber questiona se realmente a paciente é vegetariana e Bailey lê o histórico de Alicia que ela anotou em seu bloco. Ao ouvir atentamente, ele fala para Baylow que sua interna está fazendo um excelente trabalho. Após finalizada a cirurgia, no corredor do hospital, a residente encontra Bailey caminhando e fala para ela “Ouça bem, sua pirralha, se me fizer passar vexame desses na frente do chefe de novo, acabo com você, com sua carreira, seu futuro, sua vida.

Estamos entendidas? Por mim, você ficaria atolada em tarefas de rotina até seu cabelo ficar branco. Ah, espere um pouco. Sou eu quem decide.”

Depois dessa fala, Baylow entrega todos os prontuários que estavam em sua mão para a interna cuidar.

Retornamos à palestra, onde Bailey começa a explicar sobre em quais situações o médico mais aprende. Então, ela conta que a mesma paciente que foi atendida no seu terceiro dia de internato retornou ao hospital com vários sintomas. Ela deu um diagnóstico de apendicite e iria efetuar a cirurgia. Aquela seria a primeira cirurgia solo de Bailey, com supervisão do Dr. Webber. Na Sala de Operação, Bailey está realizando o procedimento enquanto o chefe de cirurgia fala que está feliz por tê-la na equipe por ser uma candidata forte. Ela fica contente, mas ao olhar para cima onde fica a galeria<sup>35</sup>, vê Dra. Baylow encarando-a com um olhar de raiva. Dr. Webber vê a cena e fala para Bailey que “a cirurgia é um antro de tubarões. E tubarões têm dentes. Certifique-se de ser um tubarão também, e não uma sardinha”.

Bailey levanta a cabeça, confusa, e pergunta se ele tinha se referido à altura dela, ele nega, dizendo “Não, claro que não. Deus a fez pequena, mas quem a fez tão calada?”. Após Webber falar sobre o apêndice estar saudável, Bailey se desculpa pelo seu erro. O chefe a compreende, diz que é algo de alguém que está começando a operar e que faz parte do processo.

Bailey, chateada, olha para a galeria e vê sua residente rindo da situação. Depois do ocorrido, a interna vai questionar a Dra. Baylow o porquê da paciente ser liberada somente com uma recomendação para o psiquiatra. A médica diz que a paciente só quer analgésicos e que está deprimida, a interna ainda questiona e diz que elas podiam fazer outros exames para descobrir o que Alicia realmente tem. Dra. Baylow nega, porque acha desnecessário gastar dinheiro e tempo com isso.

Nesse momento, Dr. Webber chega e pergunta qual será o procedimento com a paciente, ela fala e ele não se dá por satisfeito. Ao perceber isso, a residente repete tudo que Bailey tinha falado, como se a suspeita fosse dela. O médico fica contente com a resposta e sai. A interna, que está logo atrás, nota o que sua superiora fez.

Após esse *flashback*, temos a cena na palestra em que Bailey fala que toda sua pesquisa não resultou em nada e a sua residente deu alta para a paciente, conforme queria fazer anteriormente. Porém, a paciente retorna depois de dois meses. Bailey vê Alicia e pergunta o que aconteceu, a moça fala da sua situação e pergunta se a cirurgia que a dra. Baylow fará vai

---

<sup>35</sup> Galeria é um espaço na parte de cima da sala de cirurgia, com cadeiras, onde os internos e médicos podem acompanhar, através de um vidro, as cirurgias realizadas na sala de operação. Na galeria, também há um interfone que serve para haver uma comunicação com a sala.

realmente funcionar. Quando os outros médicos chegam ao quarto para levar a paciente, Bailey não deixa e cancela a cirurgia.

Furiosa, sua residente foi tirar satisfações com ela, não deixando, no primeiro momento, que ela explicasse o porquê da atitude. Quando Baylow tenta remarcar a cirurgia de novo, Bailey argumenta por que acha que o problema da paciente poderia ser resolvido sem aquela operação, que não traria melhorias para a paciente.



FIGURA 8: Bailey olhando para sua residente enquanto é humilhada por ter cancelado sua cirurgia. Foto/Divulgação

Bailey continua sua argumentação, com a voz já embargada, deixando claro que as escolhas de sua residente foram precipitadas e que ela não se aprofundou na situação da paciente. Dr. Webber aparece ao fundo e começa a ouvir tudo que a interna está falando. Ele tenta chamar Bailey, mas ela está tão nervosa que não o escuta e continua a falar tudo que antes tinha guardado para si. Webber a chama pela terceira vez e, então, ela se vira para ele já a ponto de chorar, e ele pede que ela vá para sua sala.

Achando que estava encrencada e a ponto de ser expulsa do programa, Bailey chega na sala do chefe e ele começa a falar. Ela, apavorada, começa a pedir desculpas, enquanto Dra. Baylow e os outros internos estão do lado de fora, vendo a situação e se sentindo vitoriosos.

Dr. Webber fala para Bailey que eles devem continuar sentados ali, ainda sérios, até a residente achar que Bailey está levando um sermão. Ela fica surpresa com a atitude do chefe e ele fala que ela será uma excelente cirurgiã.

Esse episódio traz conceitos importantes sobre raça, orientação sexual e gênero, que devem ser frisados. Contudo, analisando a trama da personagem Bailey, a questão da raça e o fato dela ser uma minoria é evidente neste episódio. Aqui vemos que Bailey é tratada como

uma minoria por sua residente e colegas de profissão: sua superiora não há escuta e não vê que, por mais que Bailey esteja no início do seu internato, ela também teve o mesmo estudo e pode agregar na equipe.

Mesmo que, em alguns momentos, a rixa de Baylow possa ser considerada um ciúmes da inteligência de Bailey, é perceptível que a residente usou de agressão psicológica porque sabia que a interna era uma mulher com pouca confiança em si, que não respondia para ninguém e que era obediente, embora muito determinada e inteligente.

Por Webber também ter passado por muitos preconceitos no seu período de residência, ele viu em Bailey uma semelhante, e o seu conselho só fortaleceu a personagem a continuar a resistir aos abusos de sua residente e não desistir do seu trabalho, porque, por mais que residentes tenham fama de serem durões, Baylow agia com ódio em relação à interna Bailey.

Um exemplo disso é a cena já citada, em que a residente fala do apelido de Bailey “Mandy”, tratando-a de forma pejorativa e preconceituosa.

Bailey ser recompensada em realizar sua cirurgia solo na paciente em tão pouco tempo de trabalho, enquanto sua residente é forçada a sentar-se na galeria e assisti-la executar perfeitamente uma cirurgia complicada, mostra não apenas às minorias, mas a qualquer um que se sinta oprimido, seja por questão racial ou não, que nenhuma opressão é capaz de apagar seu talento.

A aplicação de normas, reforçando a ideia de superioridade do branco sobre os negros, é claramente exibida nesse episódio também. A tensão entre Bailey e sua residente se intensifica, fazendo com que a interna se esforce além das expectativas de todos sobre ela, passando meses estudando o caso e todas suas possibilidades para não errar no diagnóstico.

Nesse episódio, conhecemos a transição de “Mandy” para “Nazi”, já que Bailey aprendeu a impor sua opinião para ser respeitada e quebrou aquele estereótipo que tinham dela como alguém que não tinha autoridade e, por ser baixinha, ser uma pessoa indefesa.

O próximo episódio a ser revisto é o décimo episódio da nona temporada, chamado "*Things We Said Today*"<sup>36</sup>. Nesse episódio, o relacionamento de Bailey e Ben Warren está consolidado a tal ponto que eles vão se casar. Ben, ao contrário do seu ex-marido, aceita e incentiva o crescimento profissional da esposa, além disso, tem uma relação tranquila com o filho de Bailey. Por Ben trabalhar no hospital também e a agora cirurgiã Bailey ter mais responsabilidades, ele faz de tudo para ela se sentir bem, como ter feito um jantar dentro do próprio hospital, só para os dois comemorarem o dia dos namorados juntos.

---

<sup>36</sup> Em português seu nome é “Coisas que dissemos”

Um detalhe importante de ser ressaltado é que, como cada temporada equivale a mais ou menos a um ano do calendário, neste período Bailey, Meredith, Yang e Alex já são médicos “*staff*”, cada um tem sua especialização, sendo as duas primeiras, cirurgiãs gerais.

Logo no início dessa trama, vemos que o casamento está atrasado. Após, é mostrado que Bailey está no Seattle Grace Hospital, tirando o vestido de noiva com pressa e colocando o aparato médico. Assim, descobrimos que a paciente é Adele, mulher de Webber, que também está na sala. Bailey faz os exames e vê que a esposa do seu chefe precisa de cirurgia.

A interna Murphy a olha e questiona se ela esqueceu que devia estar no casamento, ela diz que não e pede para avisar seu noivo sobre o ocorrido. A sua companheira de equipe avisa que conseguiu passar o recado e que não falou que a paciente se tratava de Adele, até porque poderia causar o cancelamento da cerimônia. Bailey, antes de entrar na cirurgia, fala “ainda vou me casar hoje”.

Meredith, que é uma das madrinhas de casamento, vai até o hospital para saber do ocorrido e entra na cirurgia junto com Bailey. Já no procedimento, elas veem que Webber está acompanhando a cirurgia da galeria. O procedimento acaba se tornando muito mais complicado do que era esperado.

Ben acaba indo até ao hospital e garante a Bailey que não está zangado e que compreende o que ela fez, principalmente por se tratar de Adele. Os dois falam dos seus receios e ela cita que a ambição dela fez com que o seu primeiro casamento terminasse. Seu companheiro fala para ela que também tem ambições de crescer profissionalmente e que eles são um casal diferente.

Após, vemos os dois, já no altar, recebendo a benção do pastor e, depois do famoso “sim”, o casal se vira e salta por cima de uma vassoura (hábito dos antigos escravos americanos que, como não podiam casar-se oficialmente, saltavam por cima de uma vassoura para selar o matrimônio) e depois se beijam. Já na parte da festa, Bailey e Ben são chamados para partilhar a primeira dança do casal no final do episódio.





FIGURA 9: Bailey e Ben dançando no casamento. Foto/Divulgação

O ato de trazer um elemento representativo da cultura afro-americana só mostra o quanto é necessário reforçar a cultura daquele povo. Mesmo que não seja explicado para o público mais leigo o porquê da vassoura, a construção da cena nos remete a amor e apoio de um com o outro. Acredita-se que o ato de pular a vassoura no casamento, conforme explicado de forma simplificada acima, tem origem na África Ocidental, onde as famílias utilizavam as vassouras artesanais que possuíam em suas casas para simbolizar um novo começo para o casal.

Já nos séculos 18 e 19, nos Estados Unidos, os escravos pulavam por cima da vassoura decorada como forma de simbolizar a união do casal<sup>37</sup>.

O fato de Bailey ter deixado seu casamento em segundo plano durante a trama mostra o quanto ela sempre foi comprometida com seu trabalho. Para conquistar uma carreira respeitável, sempre colocou sua vida profissional à frente da pessoal e isso se tornou algo automático na sua rotina. O companheirismo de Ben é um dos exemplos de relacionamento saudável, e nas discussões da internet fala-se muito em relacionamentos tóxicos e pessoas abusivas. Inclusive, nas redes sociais, muitos personagens do próprio seriado já foram taxados de tóxicos.

Ben é o contrário: uma pessoa que entende e ajuda a companheira sempre que necessário, ele é construído como um homem ideal para o século que estamos vivendo. O fato de Bailey só ter se relacionado com homens negros também trabalha o conceito de amor negro, que é muito debatido, principalmente na internet.

<sup>37</sup> Para saber mais: <http://www.oblogdanoiwanegra.com.br/2012/03/1-2-3-pulou-saltando-vassoura-uma.html#:~:text=Pulou!,Saltando%20a%20vassoura%3A%20uma%20tradi%C3%A7%C3%A3o,come%C3%A7o%20na%20vida%20do%20casal>

Se pensarmos no que já foi tratado nos capítulos anteriores desta pesquisa sobre a questão racial, percebe-se que essa pauta sempre está presente, porque o fortalecimento do relacionamento afro é um ato de resistência ao preconceito e de fortalecimento da cultura. Desde o período escravocrata, mulheres pretas eram abusadas por seus patrões brancos, além de serem forçadas a jornadas de trabalho exaustivas, e era só no seu lar, ao lado do seu companheiro, que essas mulheres conseguiam se sentir acolhidas e respeitadas.

O próximo episódio a ser comentado é o segundo da 12ª temporada, chamado “*Walking Tall*”<sup>38</sup>. Depois de competir pelo cargo de chefia, Bailey se torna a primeira mulher a chefiar o hospital Grey-Sloan Memorial<sup>39</sup> (GSMH). Durante o seriado, sempre ficou subentendido que Bailey, um dia, assumiria esse posto. Na terceira temporada, quando Webber pensa em se aposentar e os médicos estão fazendo de tudo para serem escolhidos em seu lugar, o chefe fala para Bailey que ela é a substituta ideal quando virar *staff* e que ela tem muito a aprender pela frente.

Logo no início do episódio analisado, a vemos parada em frente ao seu local de trabalho. Ben está ao seu lado e pergunta ironicamente se ela está nervosa. Ela responde “claro que estou nervosa! Esperei esse dia por toda a minha carreira e prometi mundos e fundos para eles, agora eu tenho que dar conta”. Já dentro do hospital, Bailey começa a implantar sua nova maneira de gerenciar o local, tão focada em seu trabalho que nem esperou para ver que tinham preparado uma surpresa para ela.

Durante o episódio, Bailey e os internos estão tratando de uma paciente que teve um crescimento anormal na sua altura e que tem um tumor cerebral. Após o diagnóstico e o aviso de que era preciso fazer uma cirurgia, a paciente se recusa porque precisa sair do hospital no mesmo dia para estar presente no lançamento de seu projeto de trabalho. Bailey percebe a importância daquilo para sua paciente e vê que ela não vai ceder.

A nova chefe se reúne com seus subordinados e afirma que quer realizar a cirurgia de forma rápida e com uma recuperação breve também, o que antes levaria uma semana. Os médicos se mostram indignados e dizem que aquilo é impossível. Bailey afirma que não e que quer ver resultados. Os médicos reunidos falam que a “Nazi” retornou e que até os novos internos estão a chamando assim.

Bailey acaba colocando os médicos numa missão complicada por terem que trabalhar ao mesmo tempo, transformando vários procedimentos cirúrgicos em um só. Ao ver seus

---

<sup>38</sup> Em português é chamado de “cabeça erguida”

<sup>39</sup> O nome do hospital muda na nona temporada, em razão do incidente do avião que mata Lexie Grey e Mark Sloan.

subordinados nada contentes com sua demanda, ela percebe que seu esforço em fazer o impossível afetou, de forma negativa, o trabalho. Isso lhe afeta e ela, que no início dizia que não queria falhar, se sente um fracasso.



FIGURA 10: Bailey e Meredith uma de frente para outra. Foto/Divulgação

Bailey fica observando o hospital no corredor e Webber chega com o presente que ele tinha planejado entregar a ela na comemoração que não ocorreu. Ela abre e vê que é um estetoscópio, que tem seu nome e cargo gravados. Ele fala que foi o primeiro que comprou em seu período de residência e que nunca teve ninguém que pudesse passar algo.

Bailey, olhando para o presente, diz “Senhor, eu não mereço isso. Não sou a pessoa certa para esse trabalho. Você achou que eu fosse e eu também, e eu tinha grandes planos. Mas se esse é meu primeiro dia, então, não mereço um segundo”. Webber fala que ela queria que fosse perfeito e não foi e nem será, porque é trabalho demais para uma pessoa só e fala sobre ser líder e como isso é diferente de ser um general.

Depois do término do procedimento, Bailey vai falar com os médicos para saber o estado da paciente e começa a elogiá-los, como forma de se redimir pelo ocorrido. Em sua fala, ela também afirma que quer ser melhor e que teve um dia péssimo. A nova chefe vai falar com Meredith, já que a médica ficou encarregada de todos os seus pacientes e estava chateada por ficar tão sobrecarregada, e diz que, quando Webber estava no cargo, foi mais fácil para ele, porque ela estava lá auxiliando. Bailey diz que precisa de outra dela e vê Meredith como essa pessoa e a nomeia como chefe da cirurgia geral.

Ansiosa para que o seu primeiro dia como Chefe fosse perfeito, Bailey esqueceu que um bom líder é, antes de tudo, alguém capaz de motivar e dar suporte a uma equipe e que, por mais que seja possível se superar, temos limites também. Envoltos ao perfeccionismo, com receio de ser retirada do cargo por mau gerenciamento ou, até mesmo, incompetência, e focada em provar que tinha sido sim a melhor escolha para comandar os médicos do GSMH, Bailey

acaba trazendo seu lado “Nazi” de volta ao agir de forma intransigente, ditatorial, centrada apenas nos resultados, a ponto de sobrecarregar a equipe num procedimento de alto risco à paciente.

Todos estes acontecimentos servem para mostrar a ela que a experiência é algo que se constrói e que ser líder é uma tarefa muito mais complexa e que demanda tempo. É preciso reconhecer as limitações e ter humildade ao assumir seus próprios erros e, se necessário, reavaliar suas ações. E é isso que ela faz: ao contrário de muitos chefes que não percebem o descontentamento dos seus funcionários, ela tem uma atitude nobre, que mostra que ela também tem muito o que aprender com seus colegas.

Por essa razão, esse é um episódio simbólico. O tempo todo vemos a nova Chefe entre a determinação e a dúvida. Ela chega ao ponto, inclusive, de duvidar da sua capacidade, mesmo sendo uma mulher que passou todas as temporadas à frente de diversas situações e, muitas vezes, tomou as rédeas do hospital quando seu chefe não conseguia. Webber só foi um bom chefe porque contava com o profissionalismo de Bailey, que tinha a capacidade de resolver problemas e de gerenciar equipes quando faltava tempo a ele.

Um ponto interessante e que não deve ser ignorado é o fato de Bailey não ter ganhado esse cargo e, sim, conquistado. Embora ela tenha ouvido por anos que um dia seria a chefe, ela teve que competir pela vaga com Alex Karev, seu antigo interno, e teve que mostrar que era melhor que ele para o cargo, como se seus anos a mais de preparo e dedicação ao trabalho fossem ignorados naquele momento.

Além de Richard, o hospital teve outros chefes, que ficaram pouco tempo no cargo, e a maioria, de uma certa forma, ganhou o cargo e não teve que competir por ele.

O próximo a ser analisado é o episódio dez da décima quarta temporada, chamado “*Personal Jesus*”<sup>40</sup>. Logo de início, vemos Bailey e Ben conversando, por seu marido ter levado seu filho Tuck para ficar no hospital porque ele não tinha aula. Ben não poderia tomar conta do filho de Bailey, por estar mudando de profissão e estar passando por um treinamento.

Bailey conversa com Maggie<sup>41</sup>, que se propõe a recriar um acampamento de ciências para Tuck e seu colega de escola, já que a chefe falou que ele deveria estar no acampamento, se Ben não tivesse esquecido de inscrevê-lo.

Bailey e Avery (cirurgião plástico) são chamados para atender um paciente que está chegando. Quem chega com a ambulância é bem, relatando o ocorrido com o paciente.

---

<sup>40</sup> em português chamado de Jesus pessoal

<sup>41</sup> Maggie Pierce já foi citada no início desta pesquisa. Como ela entra na décima temporada da série só agora foi citada no enredo.

Percebemos que Ben está com uma voz extremamente irritada e está indignado com a situação. Quando vemos a maca sendo retirada da ambulância, nos é mostrado que o paciente é um menino negro de 12 anos, que está algemado na maca e tomou um tiro, que partiu de um policial, no pescoço.

Ben relata que o policial atirou no menino, que se chama Eric, porque achou que ele ia invadir uma casa, sendo que ele estava pulando o muro da sua própria casa porque estava sem chave.

Enquanto esperam o resultado da tomografia do paciente, Avery, Bailey e Kepner (cirurgiã traumatológica) conversam sobre o fato do policial estar do lado de fora, esperando o menino sair do exame. Avery é negro de pele clara e nasceu em uma família de médicos com alto poder aquisitivo, e recorda que, em diversos momentos da sua infância, foi parado por policiais por se enquadrar como um “suspeito”. Os médicos recebem o resultado dos exames e, logo após isso, o menino começa a ter complicações e é levado para a sala de operações às pressas para tentarem salvar a sua vida.

Logo após, vemos a cena filmada do lado de fora de uma sala em que estão o pai, a mãe e dois irmãos mais novos de Eric sentados e, de pé, Bailey e Avery conversando com eles. Nesse momento, se percebe que eles estão informando sobre a morte do menino e os pais começam a chorar.

Bailey continua com eles mais um tempo na sala, em sinal de compaixão com a situação. Já Avery sai da sala e vai falar com os policiais, que tentam se explicar e dar uma desculpa pelo ocorrido. Indignado, o médico fala que aquilo só teve reação da parte dos policiais e que foi um ato racista, porque o tratamento a um jovem negro é totalmente diferente de uma abordagem a um jovem branco. O outro policial tenta dizer que não é racista, só que eles nunca sabem se a outra pessoa tem uma arma ou não. Avery fala que não comentou sobre racismo e, sim, sobre preconceito e que esse é um ato que tem cura e que os protocolos dos policiais podem ser reajustados para evitar que crianças ainda continuem morrendo.

A cena é cortada e vemos Bailey e Ben sentados em um local público da cidade, falando sobre a morte de Eric. Bailey fala que é a hora de ter a conversa com Tuck e Ben concorda. Na próxima cena, nos é apresentado esse diálogo que está na figura 11.



FIGURA 11: Bailey e Ben conversando com Tuck. Foto/Divulgação

Além disso, Ben fala que Tuck precisa controlar suas emoções e ser educado quando for abordado por um policial. Bailey ainda afirma que ele não pode retrucar e nem lutar, muito menos fazer movimentos súbitos e diz “lembre-se: seu único objetivo é chegar em casa em segurança”.

Ben ainda fala que, se o menino for levado para uma delegacia, não deve assinar nada e nem falar até seus pais chegarem. Bailey argumenta que, se os colegas brancos dele estiverem fazendo brincadeiras perigosas ou tenham algum intuito violento, ele tem que estar ciente de que não pode estar junto. Tuck fica assustado e Bailey diz que tudo que eles estão falando é para que ele volte para casa e que possa crescer e conquistar tudo que quer.

Esse episódio é muito marcante e repercutido nas redes sociais, principalmente por essa cena do casal conversando com Tuck. O que causa essa conversa é o fato do paciente ter morrido por um tiro de policial, o que é um elemento necessário para mostrar ao telespectador que não vive aquela realidade como o racismo estrutural ainda está impregnado na sociedade e ainda causa feridas na população negra.

Nesse ano ainda, foi repercutido na grande mídia o caso de George Floyd<sup>42</sup>, homem negro que foi morto asfixiado por um policial branco. A diferença da ficção para o real nestes

<sup>42</sup> Sobre a morte de George: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>



dois casos é só a idade e a causa da morte, porque a cor é a mesma. Abordagens truculentas de policiais americanos contra pessoas negras não são casos isolados. Um estudo da Universidade de Louisville<sup>43</sup> mostra que negros têm o dobro de chances de estarem desarmados em um tiroteio.

O fato de Bailey e Ben terem um companheirismo no seu relacionamento a ponto de ele cuidar de Tuck como se fosse seu filho nos mostra que o menino tem uma família sólida, que se preocupa com ele. E esse diálogo não é algo apenas ficcional. A forma como a sociedade ainda perpetua o racismo estrutural faz com que a população negra sempre tenha que estar preparada para o pior, seja um simples olhar desconfiado na rua ou até um tiro sem justificativa.

No Brasil, não fugimos muito dessa realidade: entre 1º junho de 2019 e 31 de maio de 2020, 75% dos mortos pela polícia no Brasil eram negros e pardos<sup>44</sup>. Se formos analisar esses casos a fundo, veremos que nem todos eram meliantes, e o que foi fato determinante para sua morte foi sua cor de pele.

No livro “Rota 66, a história da polícia que mata”, escrito pelo jornalista Caco Barcellos, as histórias que ele escreve em seu livro são histórias reais de pessoas que foram assassinadas pela polícia paulista sem nenhuma explicação plausível e muitas delas tinham o mesmo perfil: jovem, de pele negra, periférico e homem. Só pelo fato de estarem no local “errado” na hora “errada”.

Abordar toda essa temática de discriminação num episódio foi algo extremamente importante pois, por mais que a mídia diariamente traga casos reais de violência policial, muitas vezes, essas pessoas são apagadas por conta da sua cor. Pontuo também a importância do paciente ter sido um menino de 12 anos, já que crianças nessa idade brincam e não levam malícia em pular um muro ou uma janela e, até mesmo, correr sem direção. Crianças negras, principalmente, talvez nem entendam que podem ser vistas como “criminosas” ao fazer algo comum para sua idade. Infelizmente elas ainda são vistas de forma diferente das crianças brancas na nossa sociedade.

O último episódio analisado é o subsequente a esse, o episódio 11 da 14ª temporada, chamado “(Don’t Fear) The Reaper”<sup>45</sup>. Nesse episódio, temos Bailey como protagonista e é a própria personagem que narra o início da trama com o texto: “No leito de morte, ninguém deseja ter trabalhado mais. Essa é uma pequena frase que as pessoas gostam de dizer quando querem

---

<sup>43</sup> Mais detalhes sobre o estudo: <https://br.sputniknews.com/americas/201702087626543-estudo-eua-negros-tiroteios/>

<sup>44</sup> pesquisa no Brasil: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/15/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.htm>

<sup>45</sup> episódio chamado em português de “Não tenha medo da morte”

faltar ao trabalho, gastar muito dinheiro ou envergonhar os pais que perderam um jogo de futebol por uma reunião de trabalho.”<sup>46</sup>

Enquanto ouvimos essa narrativa, é vista uma imagem de uma mulher de costas e, após uma menina andando de bicicleta, sem aparecer seu rosto. A cena retorna para mulher, que começa a chamar por “Miranda”. É então que se percebe que aquela criança é a própria Bailey. Corta a cena para o tempo presente, em que ela está no carro, com Ben dirigindo e seu filho ao fundo. Ela está no celular e tira uma foto do seu filho, porque ele vai se apresentar num evento da sua escola.

Quando Tuck sai do carro, na frente da sua escola, inicia de novo a narrativa de Bailey: “No leito de morte, ninguém deseja ter trabalhado mais. Fale isso para as pessoas que amam o seu trabalho”.

Dentro do carro, Ben tenta falar sobre seu novo trabalho — ele virou bombeiro —, mas ela não deixa e toma um remédio, diz que a nova função do marido lhe dá indigestão. Ele tenta contra-argumentar, mas ela pede para ele estacionar, porque ela tem uma reunião em outro hospital, chamado Seattle Presbyterian. Já dentro do hospital, ela vai para a recepção, onde há uma enfermeira dialogando com um senhor. Ele tenta explicar suas queixas, mas a moça não está muito disposta a auxiliar, Bailey chama atenção da moça e o senhor a reconhece e pergunta o que ela faz ali. Ela se apresenta para a enfermeira e a moça interrompe dizendo para ela se encaminhar para o próximo andar. A médica pede para não ser interrompida de novo, se apresenta e diz que acredita que está tendo um infarto.

Na cena seguinte, já a vemos deitada na maca do hospital, e um médico chega dizendo que não era início de infarto. Ela pede para ver o prontuário, mas o rapaz fica um pouco relutante. Ela insiste, olha os prontuários e não concorda com o médico. Logo, o médico sai e aparece a cena do passado: sua mãe a chamando na frente de casa, brava porque sua filha não dava sinal de ter lhe escutado. Ela conta até três e Bailey aparece. Nesta fase, ela é criança, usa óculos de grau e está com um livro na mão e diz para sua mãe que estava lendo em cima de uma árvore. Sua mãe diz que árvores não são lugares para meninas e que ela tem um banco na frente de casa para ler e, assim, sua mãe saber aonde ela está.

A cena corta para o presente: Bailey, na cama do hospital Seattle Presbyterian, ligando para seu trabalho e pedindo para Webber tomar conta das coisas. Ela mente, dizendo que está em casa. Logo, o chefe do Presbyterian chega para lhe cumprimentar e fala que ela não está com um infarto. Ela ainda não se dá por vencida com o diagnóstico dos dois médicos.

---

<sup>46</sup> Fonte: <http://www.greysanatomy.com.br/narracoes-citacoes-de-cada-episodio/narracoes-da-14a-temporada/>



Bailey fala para o médico sobre seus sintomas, ele faz algumas perguntas e ela diz que não é ansiedade. Ele ainda questiona se não é um quadro de estresse, já que ela está vivendo um período de mudanças e novas responsabilidades na sua vida. Nesse meio tempo, vemos um *flashback* dos últimos acontecimentos da sua vida, como problemas no seu local de trabalho e a crise no seu casamento.

Após, ela fala que está tendo um infarto e que não sairá de lá até ser examinada completamente e que lhe provem o contrário. Bailey continua a olhar seus laudos dos primeiros exames e a cortina do seu lado se abre. Uma moça, que também está internada, lhe pergunta o porquê de ela estar ali, ela fala que é infarto, e a outra paciente pergunta o que a médica está falando. Bailey responde que está trabalhando, e a paciente insiste em perguntar no que ela está trabalhando e ela diz “trabalho”. Irônica, a sua companheira de sala diz “não é à toa que teve um infarto”. Bailey a olha e fala que é residente chefe de outro hospital e que seu trabalho não para.

As duas ainda mantêm um diálogo até aparecer a próxima cena do passado da médica: ela já um pouco maior, em torno de uns 10 anos de idade, andando de bicicleta e logo acaba caindo. Sua mãe, desesperada, vai correndo lhe acudir e ela fala que só arranhou o cotovelo. Sua mãe pergunta por que ela não estava usando rodinhas. Bailey fala “Porque estou no ensino fundamental, e ficam implicando comigo porque uso rodinhas! Também porque uso calça pescando siri”. Sua mãe diz que não quer que sua calça fique presa, porque senão ela tropeça e cai, a menina fala que sabe andar e sua mãe diz para elas entrarem.

Corta a cena para o tempo presente da série: o médico do Presbyterian, sentado ao lado da cama de Bailey e ela guardando suas coisas na bolsa. Ele fala sobre a sua questão de alimentação e pergunta de novo se houve alguma mudança significativa no seu cotidiano. Ela começa a questionar o estudo do médico e fala que ele deveria saber que infartos em mulheres são muito diferentes do que em homens e insiste em ser examinada.

O médico diz que não é necessário e ela pede uma segunda opinião. Nisso, ela recorda uma conversa com Ben sobre se um dos dois morresse. Nesse momento, chega um outro médico. Ela estava esperando um cardiologista e mandaram um psiquiatra. Ela olha para ele, indignada com a situação.

Bailey liga para Maggie e pede para a médica ir ao seu encontro no outro hospital. Ao desligar o telefone, o psiquiatra insiste em questionar sobre sua vida e fala que não vê nada que confirme seu autodiagnóstico e que ela não tem sistema de apoio de amigos e família e, ainda, faz uma suposição do que ela faria se examinasse o prontuário da possível paciente.

A médica fala que 63% das mulheres que morrem com problemas no coração não tinham sintomas prévios e que mulheres de cor têm alto risco. Se ela estivesse dando uma consulta para essa paciente, ela levaria em consideração as estatísticas.

Voltando ao passado, em que Bailey já é adolescente e está indo falar com seus pais que conseguiu uma bolsa de estudos integral numa faculdade, seu pai lhe abraça contente com sua notícia, já a mãe fica ressentida por ser muito longe de casa. Bailey fala da importância da instituição e cita grandes nomes de pessoas que já estudaram lá. A menina ainda pergunta para sua mãe se é possível ela ficar feliz com a notícia e sua mãe continua com um olhar triste com a situação e sai.

Retornando ao presente, Bailey liga para seu filho para saber como foi sua apresentação na escola e fala que sente muito orgulho dele. Ao desligar o celular, ela escuta um barulho, abre a cortina e percebe que sua colega de sala está passando mal. Ela começa a gritar por ajuda e começa a auxiliar no salvamento da paciente. Neste momento, chegam Maggie e Webber e ela fala que é bom ver os dois e logo desmaia. Com isso, os dois médicos afirmam o diagnóstico que Bailey já sabia e começam os procedimentos, mas como não possuem autorização para trabalhar naquele hospital, o médico que lhe estava atendendo anteriormente se encarrega de levá-la a sala de operações. Já no procedimento e sobre efeito da medicação, Bailey começa a usar a trama de Star Wars como analogia ao fato dos homens nunca ouvirem as mulheres.

Posteriormente ao procedimento, Webber e Maggie vão falar com Bailey e dizem que ela será transferida para o hospital que trabalha. Ela reluta com a proposta pelo fato de todo mundo lhe conhecer lá e fala que não chegou onde está faltando ao trabalho por doença.

O *flashback* retorna na conversa de Bailey com seu pai, logo após a notícia da bolsa na faculdade. Ele fala que sua mãe não quer atrapalhar sua vida, só quer mantê-la segura e, com isso, ficamos sabendo que a superproteção da sua mãe é pelo fato dela ter perdido uma bebê com dois meses de vida antes de Bailey nascer.

Já pronta para se mudar para a faculdade, Bailey fala com sua mãe que, para se tornar uma cirurgiã, ela precisa fazer faculdade. Sua mãe insiste para ela escolher outra área médica, que não demande tanto tempo de trabalho, e que não é seguro. Bailey fala que não é a irmã morta e pede para sua mãe ficar feliz por ela.

No presente, Bailey está na sala de operação para mais um procedimento, então diz para Maggie chamar seu marido.

A operação foi bem sucedida. Bailey acorda e Maggie fala sobre a cirurgia. Nesse momento, seu marido também chega para ver como ela está.



FIGURA 12: Bailey e Ben no hospital. Foto/Divulgação

Ben fala que pediu demissão do corpo de bombeiros. Bailey diz para ele ligar de volta e pedir seu emprego, porque mesmo que ela fique assustada com a profissão do marido e que pudesse ter morrido de infarto, a vida é muito preciosa para não fazermos coisas que gostamos.

Logo, ouvimos a narração final do episódio, falada por Bailey:

Isso não é sobre se você passou a sua vida em uma sala de reuniões, no seu quarto ou em uma praia no Maui, quando você olha para trás, a única coisa que importa é: Você passou a vida fazendo o que amava com as pessoas que ama? Foi feliz? Você deu o seu melhor nessa linda, assustadora e bagunçada vida? Você deixou para trás todas as coisas que te impediam de seguir em frente? Então, você pode se apegar no que é mais importante.

Esse episódio serve como alerta para as mulheres que esquecem de cuidar de si mesmas com a rotina pesada de trabalho e com as questões familiares que acabam as sobrecarregando e que, muitas, vezes só lembram de cuidar dos outros e não delas mesmas. Bailey é a personagem que sempre cuidou de si, dos seus e de todos que trabalham consigo. Por nunca demonstrar fraqueza, ela nunca foi vista como alguém que ficaria doente.

A personagem mesma afirma que nunca falou ao trabalho ou à faculdade por doença. Por ser mulher negra, sempre precisou colocar sua saúde em último plano para poder alcançar seus objetivos, sempre se mostrando disponível e apta ao trabalho. Desde o início do episódio, Bailey fala que só quer ser tratada para no outro dia já voltar a trabalhar, mesmo sendo médica e sabendo que, em situações como essa, o repouso é fundamental.

Quando Webber fala sobre ela ser transferida, ela se recusa, porque não quer que seus colegas a vejam como uma pessoa incapaz, podendo até continuar a vê-la dessa forma depois

da recuperação. Ele oferece a ela dias de folga após a recuperação, mas ela também recusa, alegando não ser fraca e que estava ciente de que precisava reorganizar suas rotinas.

Uma reflexão importante é que a personagem, por consequência das provações que vivenciou na sua vida, assumiu, ainda que inconscientemente, que ela, enquanto mulher negra e fora de todos os padrões impostos e cobrados pela sociedade, precisava se mostrar como alguém forte, insuperável e disponível. Afinal, qualquer deslize poderia abrir precedentes para desvalorizá-la e, por isso, essa teimosia frequente da personagem é uma resposta cruel, talvez mais danosa para ela mesma.

A teimosia de Bailey é demonstrada por ela ter precisado encarar sua mãe superprotetora para realizar seu sonho. A personagem era tratada como criança, mesmo sendo adolescente, pela sua mãe e não tinha liberdade e independência para se arriscar nas coisas da vida e nem para fazer coisas que a maioria dos adolescentes nessa fase da vida fazem.

Bailey teve que aprender a não abaixar a guarda e a se impor só quando entrou no seu internato, no episódio que já analisamos, porque no ambiente familiar ela sempre foi silenciada pela sua mãe e nunca descumpriu suas regras e ordens.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a população negra foi representada através de estereótipos pela grande mídia, nos noticiários, filmes, novelas e seriados. A ausência de pessoas negras nesses locais de fala só traduz a desigualdade, que é tão presente em nossa sociedade. Desde o período escravocrata, mulheres negras precisaram lidar com os constantes abusos psicológicos e sexuais que os seus senhores realizavam. Essas mulheres não podiam se expressar e nem lutar contra esse tipo de violência e, além do trabalho desumano, precisavam também tomar conta dos seus lares ao final do dia.

A mulher “de cor” não precisou lutar pelo direito de poder trabalhar fora de casa como as mulheres brancas, pois ser negra já era o sinônimo de trabalhar igual aos homens e, de forma precária, para poder ter um sustento digno. A luta do feminismo negro se baseou ao longo dos anos na reflexão de direitos iguais para que mulheres negras ganhassem o mesmo que mulheres brancas que ocupavam a mesma posição de trabalho. Entretanto, além da igualdade salarial, outro grande ponto que a população negra traz ao debate é a falta de representação do seu povo na mídia: ainda não vemos grande número de negros ou negras em telejornais ou novelas, por exemplo, principalmente em países em que essa população é maioria.

É comum ver na indústria audiovisual que, nos seus produtos, como filmes e séries, a maior parte do seu elenco de trabalho é composto por pessoas brancas. Uma forma de mudar essa realidade que vimos nesse ano são as novas regras do Oscar<sup>47</sup>, que tem como objetivo dar uma maior diversidade de gênero e raça nas produções dos longa metragens. Na televisão, tanto brasileira como americana, essa realidade ainda é pouco vista e pesquisada, já citadas neste projeto, reafirmam esse fato.

A falta de representatividade é uma problemática ainda mais grave porque, com ela, estereótipos em cima de personagens negros acabam sendo criados. Era comum ver atores negros apenas em papéis secundários e, geralmente, como um personagem cômico ou malandro e que sempre estava nas classes mais baixas da sociedade. As mulheres, em papéis de empregada e, muitas vezes, com seu corpo extremamente sexualizado, sendo vistas como as sedutoras de homens brancos e casados.

Nossa sociedade, ao longo dos anos, desenvolveu a consciência de que raça e gênero são questões sempre em pauta, mas ainda há muito que se considerar pelo fato de não ser

---

<sup>47</sup> FIORATTI, Carolina. “Oscar: como irão funcionar as novas regras de inclusão?” <https://super.abril.com.br/cultura/oscar-como-irao-funcionar-as-novas-regras-de-inclusao/>. Acesso em 16 outubro 2020.

aceitável que, em 80% dos seriados e filmes americanos, ainda não tenham sequer um personagem negro com falas nas produções — fato citado anteriormente nesta pesquisa —.

É neste ponto que optamos por valorizar o trabalho que Shonda Rhimes faz no entretenimento, sendo uma mulher negra que quebrou barreiras de raça e gênero e construiu seu império no quesito audiovisual.

*Grey's Anatomy* é seu carro chefe. Este seriado abriu portas para emplacar outras produções de sucesso da mesma autora, tendo um elenco plural na questão de raça e gênero em comum. A questão racial é bem forte pois, mesmo a personagem principal Meredith Grey sendo uma mulher branca, no hospital em que ela trabalha, sua superiora e o chefe do hospital são pessoas negras e, em nenhum momento, há descontentamento ou questionamento entre os outros médicos da capacidade dos dois.

Bailey é uma personagem que está no seriado desde o seu primeiro episódio, e sua personalidade autoritária, que não permitia erros dos seus subordinados só é um reflexo da mulher que desde sempre precisou aprender a não demonstrar fraqueza e a se impor, defender suas ideias para assim ser ouvida e respeitada. Ao longo da trama, vimos que a personagem nem sempre foi assim, por vir de uma família protetora demais e religiosa, ela era introspectiva, reservada e não possuía uma liderança, mas por sofrer abusos psicológicos da sua chefe, a jovem teve que mudar o seu comportamento e seu visual, tirando as tranças do cabelo e abandonando os óculos.

É muito comum vermos pessoas negras tendo que se adaptar a normas e padrões sociais para se encaixarem naquele determinado espaço. A personagem mostra uma mulher negra, que teve que colocar sua vida profissional acima de tudo para ser vista como uma das melhores, se dedicando muito mais do que os outros e colocando sua vida pessoal em segundo plano, tendo assim um divórcio e aprendendo a lidar com sua carga horária de trabalho pesada e com os cuidados com seu filho. Por que a mulher negra ainda precisa escolher entre a vida profissional e a vida pessoal, como se fosse necessário que a mesma só fosse capacitada para uma função social e que essa fosse a de dona de casa? Como já exposto anteriormente nesta pesquisa, a mulher é vista como o *outro*, como uma subalterna, pois é vista como um objeto, uma pessoa que precisa estar sempre ali servindo os interesses do seu companheiro, que não possui outras funções de interesse e não tem reciprocidade do olhar do homem. O primeiro marido de Bailey queria que ela fosse esse *outro*, porque já não se sentia confortável tendo que fazer as funções domésticas. Infelizmente, ainda há o estranhamento por parte dos homens ao terem que cuidar da casa enquanto a mulher trabalha, o que exige uma melhor compreensão necessária da troca dos papéis no relacionamento.

Depois da sua separação, Bailey acaba se abrindo para novos relacionamentos e, assim, conhecendo bem. No dia do casamento dos dois, Bailey teve que deixar a cerimônia para segundo plano para atender uma paciente. O fato de atrasar o evento do casamento teve como motivo o fato da paciente se tratar de uma pessoa especial para a médica, então ela não teve a opção de ignorar o fato, apesar de terem outros médicos para realizar o procedimento. A responsabilidade que Bailey criou com seu trabalho a impediu de seguir para a sua cerimônia, diferente de outros casais que se casaram no seriado e isso mostra o quanto ela sempre teve que se dedicar muito mais ao trabalho do que em sua própria vida.

Bailey é uma das médicas mais respeitáveis e imbatíveis no seu trabalho, mas a automatização do seu serviço em sua vida é algo prejudicial, porque não a permite ter momentos sociais como os demais médicos. A própria personagem afirma isso quando diz que nunca faltou por doença, ela sempre teve que tratar seu corpo como uma máquina que está ali produzindo resultados e se colocando disponível para mais demandas.

Considerando que o problema de pesquisa deste estudo era: como a mulher negra é representada no seriado *Grey's Anatomy*, concluímos que, por mais que exista uma quebra de estereótipo no sentido de ser uma mulher negra, gorda e de estatura baixa que está num nível hierárquico de trabalho alto pelo fruto do seu trabalho, ainda existe preconceito e racismo na trajetória da personagem, o que prova que a sociedade não respeita e tem muita dificuldade de aceitar negras ou negros conquistando lugares altos e aprimorando seus conhecimentos. A personagem ainda precisa confrontar questões que não são vistas por pessoas brancas.

Bailey se transforma numa mulher admirável e um exemplo positivo de que queremos mais personagens como ela nas produções audiovisuais. O fato de ter uma roteirista negra só faz com que se crie uma atmosfera que também queremos ver na nossa sociedade, em que possamos encontrar mais médicos negros nos hospitais, e que as outras produções seriadas a peguem como exemplo na construção dos personagens, porque *Grey's Anatomy* mostra que é possível ter um seriado de grande sucesso e audiência fazendo o diferente, se desvinculando dos estereótipos construídos ao longo dos anos e trazendo uma reflexão para sua audiência de temas que, muitas vezes, eram só debatidos em telejornais ou documentários. Mesmo de forma discreta, o resgate da religião e costumes culturais afro abordados no seriado são muito importantes para naturalizar o telespectador, mostrar que é necessário se conhecer outras culturas e não só as dominantes e respeitar a crença do outro.

O fato de Bailey durante o seriado só ter se relacionado com homens negros também é um detalhe importante para reforçar o debate social, muito comentado na internet, sobre o amor negro. As relações afrodescendentes, os relacionamentos inter-raciais, são naturais a séculos,

mas atualmente muito debatidas e até tratadas com menosprezo por alguns movimentos. O amor de Bailey e Ben é a exemplificação da justificativa do amor negro, porque só a pessoa da própria raça pode entender todo o preconceito e as dificuldades que o seu companheiro enfrenta, e porque, além de companheiro, se tem um ombro amigo, alguém que possa se apoiar para enfrentar a sociedade.

Ele, mesmo estando num cargo inferior da esposa no ambiente de trabalho, nunca se sentiu inferiorizado em relação à mulher. Ben sempre foi a pessoa que apoiou o desenvolvimento de Bailey e nunca duvidou da sua capacidade e sempre lhe ouviu.

Como médica, Bailey precisou lidar com preconceito de um paciente nazista e tratá-lo. Mesmo não sendo tratada com respeito e tendo seu caráter posto à prova, a médica precisou se abster e cumprir com seu juramento profissional para mostrar que era uma pessoa superior.

Espero que o seriado ainda seja utilizado como projeto de pesquisa e artigos por muito tempo, pelo fato de trazer muitos assuntos importantes e que estão sendo debatidos na nossa sociedade. Espero também que se continue a olhar as produções audiovisuais criticamente para observarmos suas falhas e acertos e, assim, podermos ver na televisão o reflexo da nossa pluralidade social e, até, vermos um mundo que seja acessível para todos. Que as novas gerações se vejam na televisão e tenham orgulho da sua cultura, que saibam ainda mais sobre seus ancestrais e não só as histórias de dor e sofrimento.

A personagem Bailey faz parte de uma atual geração, que criou personagens que quebram estereótipos antigos, e é muito importante e saudável para a população ver uma mulher negra no mais elevado cargo de chefia num hospital. Normalizar as pessoas negras em cargos altos em seriados é importante para a sociedade pensar e corrigir a desigualdade do passado e normatizar isso na vida real para que, assim, mais crianças encontrem exemplos para poderem sonhar com um belo futuro profissional, em que serão respeitadas. Aos poucos, está se construindo uma renovada geração de produções audiovisuais, uma nova era também no jornalismo, de profissionais que estão em busca de igualdade de raça na mídia tradicional e trazendo sua visão sobre os fatos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALMEIDA, Victória Santos Baccarelli; DENNY, Danielle Mendes Thame. O Lado Empoderador da Série Grey's Anatomy. **Portal Intercom**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1498-2.pdf> p. 1-10, 2018.

ANCINE: Pesquisa de diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/sites/apresentacoes/Diversidade.pdf>. Acesso em: 10 mai 2020.

As Aventuras na História, HARRIET TUBMAN: **Ex-escrava e importante símbolo do abolicionismo**. 20 out. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-biografia-de-harriet-tubman.phtml> Acesso em 14 de junho de 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; Borges, Rosane. **Mídia e Racismo** - Col. Negras e Negros - Pesquisas e Debates. Petrópolis: Alii Editora, 2012.

CAMARÁ, Luana Mikaella Maciel Gomes Nascimento. **A dona da história: o papel de Shonda Rhimes e suas protagonistas na terceira era de ouro da televisão americana**. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Canaltech. **Netflix ultrapassa marca de 10 milhões de assinantes no Brasil**. 27 set. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/mercado/netflix-ultrapassa-marca-de-10-milhoes-de-assinantes-no-brasil-150903/> Acesso em 15 de março de 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo, 2005. Tese de Doutorado.

Carta Capital. **Ferramenta anticolonial poderosa: os 30 anos de interseccionalidade**. 18 set 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/ferramenta-anticolonial-poderosa-os-30-anos-de-interseccionalidade/> Acesso em 20 de Junho de 2020.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EL PAÍS. **Séries de TV: da idade de ouro à overdose?** Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/03/cultura/1464971639\\_931129.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/03/cultura/1464971639_931129.html). Acesso em 15 de Junho de 2019.

ESTADÃO. **Em busca do espaço do negro no audiovisual.** Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,em-busca-do-espaco-do-negro-no-audiovisual,70001696812> Acesso em 14 de junho de 2019.

FREIRE, João Filho. **Força de expressão: Construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias.** Porto Alegre: PUC-RS, 2005.

FURQUIM, Fernanda. **Sitcoms: Definição & História.** Porto Alegre: FCF Editora, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008. (p.184-185)

GLOBO. **Mais de 4 milhões de brasileiros assistem séries em lugares públicos.** Disponível em: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2017/11/mais-de-4-milhoes-de-brasileiros-assistem-series-em-lugares-publicos.html> Acesso em 17 de junho de 2019.

GREY'S ANATOMY. **Miranda Bailey.** Disponível em: <http://www.greysanatomy.com.br/personagens/miranda-bailey/> Acesso em 07 de março de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora, identidades e Mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** São Paulo: Editora Elefante, 2018.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HUFFPOST, **As 10 séries que os brasileiros maratonaram pela 1ª vez na Netflix.** 07 fev. 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/07/as-10-serie-que-os-brasileiros-maratonaram-pela-1a-vez-na-netflix\\_a\\_23355518/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/07/as-10-serie-que-os-brasileiros-maratonaram-pela-1a-vez-na-netflix_a_23355518/) Acesso em 03 de maio de 2019

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012.

Medium Feminismo com Classe. **A história não-contada da Segunda Onda Feminista.** 21 nov 2019. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/a-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-segunda-onda-feminista-aae38ca5f57f> Acesso em 13 de Julho 2020.

Medium QG Feminista. **O que são as ondas do feminismo?** 8 mar 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a> Acesso em 01 de Junho de 2020.

Medium Sabrina Falcão. **Em 1851, Sojourner Truth disse “Não sou uma mulher?”** 20 abr 2019. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/sojourner-truth-disse-n%C3%A3o-sou-uma-mulher-483cd2ef10d8> Acesso em 02 de maio de 2020.

Medium Suzane Jardim. **Reconhecendo estereótipos racistas na mídia norte-americana.** 15 jun 2016. Disponível em: <https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6> Acesso em 10 de maio de 2020.

Migalhas. **Direitos das Mulheres: os discursos de Sojourner Truth em tradução.** 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalaw-english/307474/direitos-das-mulheres-os-discursos-de-sojourner-truth-em-traducao> Acesso em 04 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Silva de. **Pantera Negra: representatividade e ancestralidade. Um estudo sobre as novas representações dos indivíduos negros em produtos audiovisuais.** Porto Alegre, 2018. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul– UFRGS, FABICO.

Portal Geledés. **O que é Interseccionalidade?** 08 set 2018. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=CjwKCAjwsMzzBRACEiwAx4ILG4B-fuBK9snPwYgJqZMUm8-ELhJyZSEBUr7CuZ6y4HfreHpBr3yHNRoCCN8QAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=CjwKCAjwsMzzBRACEiwAx4ILG4B-fuBK9snPwYgJqZMUm8-ELhJyZSEBUr7CuZ6y4HfreHpBr3yHNRoCCN8QAvD_BwE) Acesso em 15 de maio de 2020.

Portal Geledés. **A pedagogia negra e feminista de bell hooks.** 12 mar 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/> Acesso em 20 de Junho de 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

RAUL, Jessica Mara; DA SILVA, Alexandra Lima. **“Young, gifted and black”:** representatividade e diversidade em Grey’s Anatomy. CAMINHOS DA EDUCAÇÃO: diálogos, culturas e diversidades, v. 1, n. 2, p. 40-59, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/9898/0>

Revista Galileu. **As 10 séries mais assistidas da Netflix,** [S.l], 19 jun. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/06/10-series-mais-assistidas-da-netflix.html> Acesso em 03 de maio de 2019.

RHIMES, Shonda. **O ano que eu disse sim.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2018

RIBEIRO, Djamilia. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Júlia Chagas. O poder das mulheres na representação midiática: percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes. **Repositório Digital da UFRGS**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178483>, p. 60-63, 2017.

Rosalux. **Diálogos antirrascistas: bell hooks e o Brasil**. 17 jun de 2019. Disponível em: <https://rosalux.org.br/dialogos-antirrascistas-bell-hooks-e-o-brasil/> Acesso em 10 de maio de 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Mulheres em tempos de modernidade líquida**. São Paulo. Disponível em: [https://repositorio.ucp.pt/Lucia\\_Santaella.pdf](https://repositorio.ucp.pt/Lucia_Santaella.pdf)

**Seriado: Grey's Anatomy**. ABC (2005). Disponível em Netflix.com

Séries por elas. **Precisamos falar sobre as narrativas empoderadas de Shonda Rhimes**. 14 dez. 2016. Disponível em: <https://seriesporelas.com.br/precisamos-falar-sobre-as-narrativas-empoderadoras-de-shonda-rhimes/> Acesso em 03 de maio de 2019.

SILVA, Ana Claudia Neves; PASSOS, Lucas da Silva Falcão; FREITAS, Ricardo Oliveira. A representatividade feminina em séries: Uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de Grey's Anatomy **Portal Intercom**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1909-1.pdf> p.1-14, 2018.

SOUZA, Rhayller Peixoto da Costa; AZEVEDO, Júlio Arantes. O Papel da Televisão no Streaming: Um Estudo Sobre a Evolução das Séries da Produtora Shondaland e sua Contratação pela Netflix. **Portal Intercom**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/R13-1427-1.pdf> p. 1-12, 2018.

The Center for the Study of Women in Television and Film. **Boxed In 2018-19: Women On Screen and Behind the Scenes in Television**. Setembro 2019. Disponível em: [https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2019/09/2018-19\\_Boxed\\_In\\_Report.pdf](https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2019/09/2018-19_Boxed_In_Report.pdf). Acessado em 22 de Abril de 2020

UOL. **Criadora de Greys Anatomy é terceira mulher negra no Hall da Fama da TV**. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/criadora-de-greys-anatomy> Acesso em 14 de junho de 2019.

UOL. **Feminismo negro: para além de um discurso identitário**. 9 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-negro-para-alem-de-um-discurso-identitario/> Acesso em 14 de Junho de 2020.

UOL. **Fenômeno Grey's Anatomy bate recorde e faz plantão médico comer poeira.** Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/fenomeno-greys-anatomy/> Acesso em 01 de maio de 2020

VALENZI, Mírlei Aparecida Malvezzi. 'The Wonder Years': a identidade americana na mídia televisiva. In: **Biblioteca Digital USP**, p 20-30, 2003.

Valkirias. **A Visão Empoderada e Representativa de Shonda Rhimes.** 22 jul. 2016. Disponível em: <http://valkirias.com.br/visao-empoderadora-e-representativa-de-shonda-rhimes/> Acesso em 03 de maio de 2020.

VENTURA, Magda Maria. "O estudo de caso como modalidade de pesquisa." Revista SoCERJ 20.5 (2007): 383-386.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e métodos.** Bookman Editora, 2015.